

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

265

Mês: Março

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br

Na ponta dos pés de Ana Botafogo

O início da história da bailarina Ana Botafogo é de dedicação e abdição. No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, o JORNAL DE LETRAS abre espaço para homenagear uma artista que sempre contribuiu para engrandecer o cenário cultural do país. Com leveza, graça e muita competência, eleva a nossa autoestima como nação brasileira de capacidade e talento, igualando a nossa arte ao mesmo patamar no cenário mundial (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11).

Foto: Sebastião Marinho

JL Editorial

Neste número, temos o privilégio de homenagear uma grande figura da literatura brasileira: Antonio Olinto. Ele tinha muito orgulho de ser natural de Ubá (MG), terra de Ari Barroso, genial compositor brasileiro (“Aquarela do Brasil”). Éramos muito amigos, companheiros de jornalismo e fomos parceiros na revivescência do JORNAL DE LETRAS, depois da longa fase da família Gueiros. Em honra à sua memória, mantivemos a vida do periódico, superando sacrifícios inimagináveis. Fomos estimulados pela superação excessiva de obstáculos e chegamos a essa fase em que o mundo digital parece ser a única alternativa. Vamos continuar a operar o jornalismo impresso, enquanto houver forças, para sermos fiéis à tradição do periódico. É a forma que encontramos para homenagear a memória do inesquecível Antonio Olinto.

O editor.



Nossos cumprimentos e homenagem antecipada aos acadêmicos aniversariantes do próximo mês: Tarcísio Padilha (dia 07 de abril), Lygia Fagundes Telles (19/04), José Sarney (24/04) e Arnaldo Niskier (30/04).

JL Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

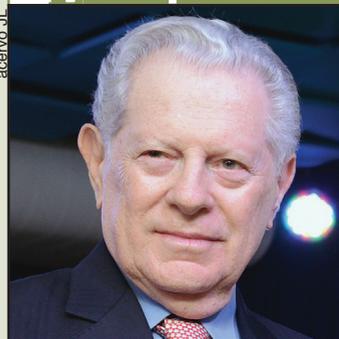
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

JL Opinião

Arnaldo Niskier



Os maiores aplausos do Municipal

Entre os anos de 1980 e 1983 tive o privilégio de dirigir a Fundação das Artes do Rio de Janeiro, subordinada à Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Com isso, era o responsável maior pela programação cultural do Rio de Janeiro, em que se incluía o notável Teatro Municipal. E do seu maravilhoso ballet, que por minha iniciativa passou a ser dirigido pela amiga Dalal Aschcar.

Com a sua mão de ouro, revelou ao mundo o talento de Ana Botafogo, que logo se tornou a primeira bailarina do Teatro Municipal. E que sucesso! Na estreia de Coppelia, de Leo Delibes, no papel de Swanilda, possivelmente os aplausos recebidos constituíram um recorde, repetido seguidas vezes, nas apresentações depois de D. Quixote e do clássico Romeu e Julieta, para só citar esses exemplos.

Quando Ana fazia as suas piruetas e parava na ponta dos pés ou quando desenvolvia um inigualável pas-de-deux, o público que lotava o Municipal delirava, e aplaudia freneticamente. Os que mais vibravam, naturalmente, eram os seus pais Maria Dulce e Ernani, que não perdiam um espetáculo. Eu gostava de cumprimentá-los pelo sucesso da filha, que se tornaria uma das mais famosas bailarinas da história do Teatro Municipal.

Aqui vocês têm aspectos da sua vida bem-sucedida. São notas e reportagens dos principais jornais do país, sempre elogiando as atuações deslumbrantes de Ana Botafogo, constantemente aplaudida de pé.

O clima de magia de Coppelia, reproduzindo uma aldeia polonesa do século XIX, facilitou o destaque da atuação da primeira bailarina, com o seu arabesque seguido de promenade. Os críticos não economizavam elogios, como disse Suzana Braga, no saudoso *Jornal do Brasil*: “Tornou-se uma mistura de mito e talismã para a dança.” Já Maria Teresa Moro, na *Última Hora*, garantiu que ela valorizou o artista brasileiro. Poderia repetir o sucesso de Berta Rosanova. E mais: “Sua dança é um hino à perfeição técnica.”

Teve parceiros como Alain Leroy e depois Fernando Bujones, este considerado na época o maior do mundo. Ela foi artista para qualquer papel, como afirmou Márcia Haidée. Deixou o seu nome no balé brasileiro. Quem não se lembra da notável Fada Açucarada do Quebra-Nozes? Ana Botafogo marcou época, em nossa cultura. Vale a pena recordar os seus feitos.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.”

José de Alencar

“Democracia é oportunizar a todos o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, depende de cada um.”

Fernando Sabino

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos*

EDUCAÇÃO NÃO É UM PRIVILÉGIO: A GRANDIOSA OBRA DE ANÍSIO TEIXEIRA

No Brasil, os primeiros anos do Século XX foram marcados, dentre outros aspectos, por ondas de renovação da República. Dá-se o desenvolvimento da industrialização e, com isto, o avanço da urbanização. Com essas transformações, a escola, em princípio, deveria se adaptar a uma nova realidade: a de receber em seus bancos pessoas de camadas sociais cujas famílias, muitas vezes, não tinham uma tradição escolar. Se, por um lado, essa perspectiva é promissora para a educação do país, por outro, criou-se um cenário no qual, muitas vezes, os estudantes não conseguiam se ajustar à escola por ser esta, ainda, herdeira de uma tradição aristocrática de se construir conhecimento sobre o mundo em que se hierarquizavam pessoas e conhecimentos.

Nesse cenário, alguns educadores brasileiros pensaram a realidade e as questões da educação e tentaram formular propostas para os seus problemas. Dentre eles, eu gostaria de destacar hoje o nome de Anísio Teixeira (1900-1971), que se caracterizou por unir rigor intelectual com uma série de ações coordenadas e bem fundamentadas ao longo de sua existência em prol da educação brasileira. Ele foi um dos principais articuladores do chamado movimento da Escola Nova no Brasil que, entre outros elementos, defendia o ensino público, laico, gratuito e obrigatório. A sua atuação nos vários setores da educação, seja como teórico, escritor, professor, diretor da instrução pública, reitor da UNB ou alocado em outros cargos ligados à educação, foi sempre marcada pelo trabalho comprometido e com a visão de que a educação é um direito de todos.

Anísio Spínola Teixeira nasceu no dia 12 de julho de 1900 na cidade de Caetitê, na Bahia, e faleceu no Rio de Janeiro, muito provavelmente no dia 11 de março de 1971. Ele se destacou desde o início de seus estudos em instituições jesuítas, primeiramente em sua cidade natal, Caetitê – BA, no colégio São Luiz Gonzaga e, depois, no colégio Antônio Vieira em Salvador. Dois anos depois de se formar em Direito, em 1922, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (atualmente Faculdade de Direito da UFRJ), ele foi designado como Inspetor de Ensino Geral da Bahia. Com esta função, viajou à Europa para conhecer o sistema de ensino de alguns países, e, depois, em 1927, aos EUA, a fim de estudar com o educador e filósofo John Dewey, cujas ideias iriam influenciar toda a trajetória de Anísio Teixeira. Em 1929, ele obteve, pelo Teachers College da Columbia University, o título de Master of Arts.

A viagem de Anísio Teixeira aos EUA marcou profundamente a sua formação intelectual e a sua opção por trabalhar com a educação. Ele ficou bastante impressionado com práticas pedagógicas que, já naquela época, eram utilizadas nas escolas norte-americanas de forma a valorizar as potencialidades de cada indivíduo. Essa experiência o levou a escrever um interessante diário de viagem e um importante trabalho sobre a educação de seu tempo, o livro *Aspectos americanos de educação*, em que faz um detalhado relato a respeito da educação em escolas americanas de cidades como Maryland, Richmond e Cleveland.

De volta ao Brasil, em 1928, Anísio Teixeira inicia um percurso de educador e gestor educacional. Inicialmente, ele ocupou o cargo de diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Nesse período, ele foi um dos signatários do importante Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Nos anos seguintes, ele iria fundar o Instituto de Educação, em 1932, e a Universidade do Rio de Janeiro, em 1935, onde se encontrava a Faculdade Nacional de Filosofia, de onde se originou a atual Faculdade de Educação da UFRJ, na qual Anísio Teixeira também atuou. Na segunda metade da década de 1930, em meio a uma série de repressões do governo de Getúlio Vargas, Anísio Teixeira foi perseguido e afastado da vida pública brasileira devido às suas ideias democráticas. Na década de 1940, ele foi conselheiro da UNESCO (em Nova Iorque) para Educação, Ciência e Cultura. Na década de 1950, de volta ao Brasil, foi diretor do INEP e fundador e primeiro diretor da CAPES. Foi idealizador e, entre 1963 e 1964, reitor da Universidade de Brasília. Com a implantação do regime militar de 1964, Anísio Teixeira, novamente, é afastado da vida pública, vindo a falecer em circunstâncias até hoje não totalmente esclarecidas em 1971.

Se eu pudesse resumir o pensamento de Anísio Teixeira em poucas linhas (o que, certamente, não me é possível dada a profundidade de seu trabalho), diria que toda a sua teoria e prática educacional tem como ideia central que a educação não é, nem pode ser, um privilégio de poucos, mas um bem fundamental de todos os membros das sociedades democráticas. Toda a sua luta em prol da educação universal parte da percepção de que a educação, até então desenvolvida no Brasil, era predominantemente voltada para as elites e ainda muito presa a conceitos morais e religiosos. Ao contrário disso, ele pensava em uma educação que fosse reflexiva, humanista e que formasse sem barreiras



Anísio Teixeira.

de classe. Outro elemento importante em sua trajetória é a percepção de que a educação é um dever do Estado, daí ele ter trabalhado tanto para que o Estado construísse escolas, universidades e organismos de desenvolvimento e de fomento à pesquisa. Partindo desse princípio, Anísio Teixeira advogava por uma escola pública que tivesse como princípio a preparação de todos para a vida em um estado democrático.

Outra de suas importantes percepções é a de que a educação envolve teoria e prática constantes. Para ele, ambas trabalham em permanente simbiose, uma vez que a teoria possibilita o desenvolvimento de uma prática consciente e ancorada em experiências educacionais bem-sucedidas. Por isso, ele considerava fundamental uma formação de professores que levasse à compreensão do ofício de ensinar como prática para a liberdade em que fosse entendido, ainda que o processo de formação do professor nunca estivesse terminado, e que o Estado assegurasse a sua formação continuada.

Outro de seus fundamentos é o de que o educador é, também, um pesquisador e, por isso, não pode ignorar a realidade de cada contexto em que atua. Essa percepção deve ser estendida a todos os que estão envolvidos com a responsabilidade de ensinar. Diretores de escolas devem conhecer bem a realidade de seus alunos a fim de implantar atividades e propostas educativas que venham ao encontro da comunidade; secretarias e ministérios de educação devem estudar profundamente as situações de cada contexto educacional a fim de propor políticas públicas adequadas a cada realidade. E, em cada contexto educacional, pesquisas de diagnóstico devem ser implementadas para o conhecimento das diferentes situações envolvendo a educação.

Para Anísio Teixeira, no Brasil, a educação seria o fator preponderante para se desconstruir as desigualdades sociais. Tendo clareza de que a sociedade brasileira era profundamente hierarquizada, e na qual a educação formal era uma mercadoria de difícil acesso, ele fez da educação universal uma bandeira de luta, compreendendo que o progresso do país depende de a sociedade implementar a educação como direito

fundamental.

Anísio Teixeira foi um administrador escolar de excepcional qualidade e entendia que a educação integral para alunos e professores seria ideal para formar a todos dentro dos princípios de liberdade e de cooperação para a melhor atuação das pessoas na sociedade. Por isso, ele idealizou e fundou a Escola Parque (Centro Educacional Carneiro Ribeiro) na Bahia, escola integral inspiradora dos CIEPS construídos, anos depois, no Rio de Janeiro na década de 1980. A escola integral, para ele, significava não apenas um espaço em que houvesse mais tempo para educar as pessoas, mas que as integrasse socialmente em uma constante troca de experiências. As preocupações de Anísio Teixeira, no entanto, não se limitaram ao terreno do ensino básico, ele produziu reflexões importantes a respeito do ensino médio e da educação superior, compreendendo a universidade como local de formação profissional e, também, de desenvolvimento das mentes e dos saberes humanos e o espaço privilegiado de troca de conhecimento. Além de estudar o ensino superior no âmbito teórico, ele também atuou diretamente para o estabelecimento de instituições fundamentais de pesquisa, como o INEP e a Universidade de Brasília.

Em 11 de março de 1971, Anísio Teixeira, depois de ter passado boa parte da manhã na Fundação Getúlio Vargas (FGV), na Praia do Botafogo, no Rio de Janeiro, iria visitar Aurélio Buarque de Holanda, em Botafogo, muito, provavelmente, para conversar a respeito de sua recém-indicação para concorrer a uma vaga para a Academia Brasileira de Letras. Segundo relatos, Anísio teria saído antes das 11 horas, dirigindo-se, a pé, ao apartamento de Aurélio Buarque de Holanda. Após o encontro, ele iria para a Editora Civilização Brasileira, na Glória, onde estava trabalhando como consultor.

Geralmente, Anísio mantinha a mesma rotina de trabalho e voltava para casa entre 18h30 e 19h00. Neste dia 11, por volta das 20h, a mulher de Anísio, Emília Ferreira Teixeira, ligou para a filha, Anna Christina Teixeira Monteiro de Barros, preocupada porque Anísio ainda não havia chegado. A filha imaginou que o pai poderia ter saído com o embaixador Paulo Carneiro, um dos articuladores da candidatura de Anísio à Academia Brasileira de Letras. No entanto, com o passar do tempo, Anísio não retornou.

Segundo relatos da época, o apartamento da família, à Rua Raul Pompeia, em Copacabana, começou a encher de parentes e amigos. Deu-se início a uma procura que começou na delegacia de polícia de Copacabana. Logo se descobre que ele não havia estado no apartamento de Aurélio Buarque, nem na Editora Civilização Brasileira e buscas são feitas em todos os lugares possíveis, inclusive no Hospital Miguel Couto.

No dia seguinte, seu genro, o jornalista Artur da Távola, soube que o acadêmico Abgar Renault havia tomado conhecimento que Anísio Teixeira teria sido “detido para averiguações” em dependências da Aeronáutica. No dia 13, jornais noticiam o desaparecimento do educador. E, nesse dia, às 17h, a filha Anna Christina recebe um telefonema da polícia informando que o educador havia sido encontrado morto, nas palavras da polícia, “no fosso do elevador do edifício onde residia Aurélio Buarque de Holanda”.

No dia 15 de março de 1971, o jornal *Última Hora* trouxe uma reportagem sobre a morte de Anísio Teixeira na qual são apresentadas várias refutações à hipótese do acidente. Cada vez mais se acredita na tese de que Anísio teria sido morto sob tortura. Segundo a matéria, o acidente seria impossível nas circunstâncias descritas. A forma em que o corpo foi encontrado, demonstrava que o mesmo teria sido colocado e não caído. Anísio Teixeira foi enterrado no dia 14 de março de 1971, no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. O Brasil dava adeus, de forma abrupta, a um de seus mais importantes educadores, um dos que escreveu sobre educação com profundo conhecimento e que sonhou e lutou até o fim para que o nosso país tivesse uma educação que fosse realmente democrática.

*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.

● O GRANDE Prêmio Nacional Pen Clube de Literatura de 2020 foi para a querida acadêmica Néida Piñon, que venceu com *Um Dia Chegarei a Sagres*, lançado pela Editora Record com enorme sucesso.

● ILUSTRADA COM fotos de álbuns de família, *Ninguém Pode com Nara Leão* (Ed. Planeta), biografia da cantora escrita pelo jornalista Tom Cardoso, reconta a vida da musa da bossa nova, morta aos 47 anos, em 1989.

● SAI ESTE ANO o livro de memórias de Francisco Horta, Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. A obra, intitulada *Misericórdia*, um dos mais queridos ex-presidentes do Fluminense, aos 86 anos, faz uma homenagem ao tricolor Antônio Carlos de Almeida Braga, que morreu em janeiro, aos 94 anos.

● UM SITE, um documentário e uma série de shows (iniciada no Centro Cultural do Banco do Brasil) estão entre as homenagens previstas para celebrar o centenário de Zé Kéti, autor de *A Voz do Morro*, falecido em 1999. Um dos grandes personagens da cultura brasileira do século XX, o cantor e compositor faria 100 anos no dia 16 de setembro.

● DEPOIS DE PASSAR por São Paulo e Brasília, visitada por mais de 200 mil pessoas, a exposição *Linhas da Vida*, da artista japonesa Chiharu Shiota, ficará no Centro Cultural do Banco do Brasil do Rio de Janeiro até o dia 19 de abril.

● ORIGINALMENTE marcada para o dia 28 de fevereiro, a cerimônia de entrega do Oscar foi adiada para o dia 25 de abril. Por enquanto, o formato presencial no Dolby Theater, em Los Angeles, está mantido.

● O CENTRO SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro (Crab), na Praça Tiradentes, no centro do Rio, prorrogou a exposição *Gente Peixe* até o dia 31 de março. A mostra conta histórias lendárias do Alto Rio Negro, na Amazônia.

● *Eu Só Faço o que Quero*, obra com mais de 500 páginas, assinada pelo jornalista e estudioso da MPB, Fred Coelho, conta a história de Jards Macalé, cantor e compositor presente no cenário da música brasileira desde a década de 1960.

● *Fisiologia da Composição* (Ed. Cepe) é o mais recente livro de ensaios do consagrado Silviano Santiago, vencedor dos principais prêmios literários da língua portuguesa e da América Latina.

● PUBLICADO POSTUMAMENTE, *O Spleen de Paris* (Ed. 34), de Charles Baudelaire (1821-1867), reúne anedotas, reflexões e epifanias que o próprio autor de *As Flores do Mal*

chamou de “pequenos poemas em prosa”, projeto ao qual se dedicou na última década de vida.

● EM RECUPERAÇÃO judicial, a Editora Abril está negociando a venda do prédio de sua gráfica, em São Paulo. Fechada em janeiro, foi a maior gráfica da América Latina.

● *A Tirania do Mérito* (Ed. Record), novo livro do filósofo Michael Sandel, combina linguagem acessível e profundidade analítica. O professor de Harvard norte-americano defende que a meritocracia prejudica a sociedade, ao dividi-la em vencedores e perdedores.

● CHEGOU AO BRASIL, publicada pela Editora Morro Branco, *Floresta é o Nome do Mundo*, de Ursula Le Guin. Escrita em 1972, a obra faz parte de um conjunto de romances, novelas e contos que ficou conhecido como “ciclo hainiano”, em que as histórias mostram realidades alternativas com humanos habitando outros planetas além da Terra.

● A EDITORA independente paulistana “Nós” começou a atuar em Portugal, com direito a sites e perfis nas redes sociais para se comunicar com os leitores lusos. Este mês, será lançado *O Contrário da Solidão: manifesto por um feminismo comum*, da filósofa Marcia Tiburi, publicado aqui pela Record como *Feminismo em Comum*.

● COM 90 ANOS de atraso, chegou ao Brasil, pela Ed. Harper Collins, o romance *Identidade*, da Americana Nella Larsen (1891-1964). Traz discussões que nunca saíram da pauta: o sonho da democracia racial, as sequelas da segregação e as questões de gênero, entre outras.

● EM JUNHO, a Companhia das Letras inicia seu longo projeto de reeditar Carolina Maria de Jesus, a partir dos cadernos originais, com o primeiro volume de *Casa de Alvenaria*.

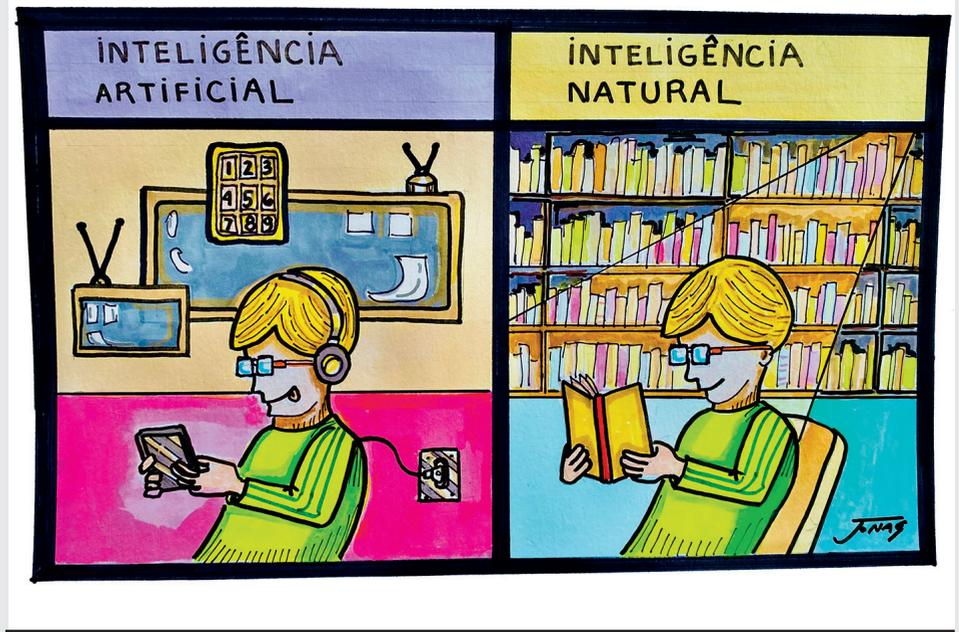
● A NOVA EDITORA Fósforo chega ao mercado com a novela *Kentukis*, da argentina Samanta Schweblin, e com os ensaios de *White Girls*, do americano Hilton Als.

● A PARTIR DESTES ANOS, a obra da americana Louise Glück, vencedora do último Nobel de Literatura, será lançada pela Companhia das Letras.

● A EDITORA CHINESA PostWave vai publicar toda a obra infantil de Clarice Lispector, incluindo as ilustrações brasileiras da coleção editada com o selo da Rocco.

● UMA EXPOSIÇÃO mundial sobre a floresta Amazônica, iniciativa do renomado fotógrafo Sebastião Salgado, patrocinada pelos bancos Bradesco, Itaú e Santander acontecerá em agosto, simultaneamente, em várias cidades do mundo. No Rio, a mostra será no Museu do Amanhã.

INTELIGÊNCIAS



● COM UM TEXTO especialmente escrito para a edição brasileira e prefácio do líder indígena mineiro Ailton Krenak, a economista e ambientalista francesa Geneviève Azam lançou a obra *Carta à Terra* (Ed. Relicário), em que escreve uma correspondência dirigida ao planeta, falando de suas angústias diante da degradação global.

● CANDIDATO À LISTA de Patrimônio Cultural Mundial da Unesco, o Sítio Roberto Burle Marx, em Barra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio, onde viveu o maior paisagista brasileiro, reabriu ao público com novas áreas de visitação. No acervo, mais de 3.500 espécies de plantas tropicais, além de centenas de peças de arte, como pinturas, esculturas, cerâmicas e tapetes feitos por Burle Marx.

● A CHEGADA DA vacinação após quase um ano de pandemia desperta uma importante reflexão sobre a questão dos privilégios. Na obra *Você Sabe com Quem Está Falando?*, lançado pela Editora Rocco, o antropólogo Roberto da Matta mostra que, no Brasil, as filas são, historicamente, tratadas como uma “vergonha”. O livro é composto por três ensaios que abordam vários aspectos do autoritarismo no país.

● NO ROMANCE *Um Espião Silenciado* (Ed. CEPE), o historiador Raphael Alberti narra a história verídica do jornalista José Nogueira, envolvido, nos anos 1960, numa dupla função de repórter e espião do Centro de Informações da Marinha (Cenimar), órgão subordinado às Forças Armadas.

● COM 1096 PÁGINAS, a edição revista do *Dicionário de Símbolos* foi lançada pela Editora José Olympio, com

tradução de Vera da Costa e Silva, Angela Melim, Lúcia Melim e Raul de Sá. Referência na área, a obra apresenta, em mais de 1.600 verbetes, um painel da produção cultural da Humanidade.

● A SEGUNDA EDIÇÃO da obra *Oh, Margem! Reiventa os Rios!* (Ed. Raquel), de Cidinha da Silva, traz dois contos e três crônicas novas, além de prefácio do escritor Paulo Scott.

● A ESCRITORA Luly Trigo prepara quatro projetos para este ano, além de assinar nova série da Disney+. Todas as histórias são para plataformas de streaming, com produção da Formata.

● BASEADA NA OBRA de Nelson Rodrigues, a nova série da dupla de roteiristas Georges Moura e Sergio Goldenberg, produzida para a Globoplay, terá 50 capítulos. Bonitinha, mas ordinária, A mulher sem pecado, Toda nudez será castigada e Os sete gatinhos inspiraram os autores a criar a trama contemporânea.

● A DESCONHECIDA verve satírica do imperador D. Pedro I pode ser desvendada através de dois lançamentos da Editora Piu: o *Dicionário da Independência – 200 anos em 200 verbetes*, de Eduardo Bueno, e o inédito *O Piolho Viajante*, de Antônio Manuel Policarpo da Silva, um fenômeno da língua portuguesa do século XIX, até então nunca lançado no Brasil.

● *O Bom Contágio*, lançado pela Ed. Bestseller, com 144 páginas, é um dos vários livros que a escritora budista Monja Coen escreveu ao longo do isolamento.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Contrato Desfeito

“Eduardo queria destratar o contrato firmado com o inquilino da sua casa, mas não conseguiu.”

Escrevendo assim, claro que haverá dúvida!

A palavra foi usada de forma equivocada.

É um caso de palavras **parônimas** (vocábulos parecidos na grafia e pronúncia).

Veja: **destratar** (insultar, maltratar), **distratar** (desfazer contrato firmado).

Período correto: “Eduardo queria distratar o contrato firmado com o inquilino da sua casa, mas não conseguiu.”



Atrasada

“O atraso constante da aluna implicou em suspensão por dois dias.”

Seus pais devem ter ficado muito tristes.

A suspensão seria mais justa se o complemento do verbo **implicar** estivesse correto.

Este verbo, no sentido de acarretar, é **transitivo direto**, logo o seu complemento – objeto direto – **não admite preposição**.

Frase correta: “O atraso constante da aluna implicou **suspensão** por dois dias.”

Estar, Está e Esta

Para não errar nunca mais:

Estar: verbo estar no infinitivo pessoal.

Ex.: “Faço muito esforço para **estar** o resto da minha vida com boa forma física.”

Está: verbo estar na 3ª pessoa do singular.

Ex.: “Ele **está** animado para os festejos.”

Esta: pronome demonstrativo.

Ex.: “**Esta** mulher ficou preocupada com o atraso do trem.”

Você Precisa Saber

Expressões de reverência e suas aplicações:

Vossa Senhoria, Sua Senhoria (V.Sª, S.Sª) – funcionários públicos graduados oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

Vossa Eminência, Sua Eminência (V.Emª, S.Eminência) – Cardeais.

Vossa Alteza, Sua Alteza (V.A., S.A.) – Príncipes, arquidukes, duques.

Vossa Majestade, Sua Majestade (V.M., S.M.) – Reis, imperadores.

Vossa Excelência, Sua Excelência (V. Exª, S. Exª) – Altas autoridades do governo e classes armadas.

Vossa Paternidade, Sua Paternidade Abade (V.P., S.P.) – Superiores de convento.

Vossa Magnificência, Sua Magnificência (V. Magª, S. Magª) – Reitores de universidades.

Vossa Excelência Reverendíssima (V.Exª Revmª, S. Exª Revmª) – Bispos e arcebispos.

Vossa Reverendíssima (V. Revmª) – Sacerdotes em geral.

Vossa Santidade, Sua Santidade (V.S., S.S.) – Papas.

Conhecendo Machado De Assis

Círculo Vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:

— “Quem me dera que fosse aquela loura estrela,

Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”

Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

— “Pudesse eu copiar o transparente lume,

Que, da grega coluna à gótica janela,

Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”

Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

— “Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela

Claridade imortal, que toda a luz resume:

Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— “Pesa-me esta brilhante auréola de nume...

Enfara-me esta azul e desmedida umbela...

Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”

(*Ocidentais*, in Poesias completas, 1901.)



Cedendo

Alessandro disse para Marlene: “Ou chegas **cedo** ou não **cedo**.”

Perfeito! Cuidado com os **homônimos perfeitos** (palavras de grafia igual e significado diferente). No primeiro caso: **cedo** é referente ao advérbio de **tempo**.

No segundo caso: **cedo** é o presente do indicativo do verbo **ceder** (eu **cedo**, tu **cedes**, ele **cede**, nós **cedemos**, vós **cedeis**, eles **cedem**).

De uma vez por todas

Por Rogério Faria Tavares*

Deixou a casa às escuras, medindo os passos, para não ser notado. Fechou a porta. Forçou a maçaneta, para conferir se estava mesmo trancada. Por alguma razão, guardou consigo a chave. Alojou a pesadíssima mala no carro. Não olhou para trás. Queria encerrar aquele capítulo de sua vida, de uma vez por todas.

Com a consciência leve, parou em um bar qualquer para brindar à sua própria coragem. Afinal, havia demorado quase um ano para, de fato, abandonar a mulher e a prole. Tomou com grande prazer a primeira garrafa de cerveja, a segunda também. Na terceira, reparou, finalmente, na atendente que o servia. Encantou-se pelo seu sorriso e pelas suas formas. Em seis meses, Marinete mudou-se para o flat em que ele se instalara, desde que deixara a família.

O relacionamento com Marta e os meninos fora regulado pela Justiça. Uma pensão generosa, visitas e passeios de quinze em quinze dias. A esposa aceitara os termos propostos sem grandes dramas: não queria briga. A ela interessava apenas seguir a vida, na paz de Deus, até que pudesse, quem sabe, encontrar outro amor. Isso aconteceria um ano e meio depois, quando conheceu Aluísio Felipe, o advogado bem-sucedido que se tornou o seu namorado em uma semana.

Célio Mauro não gostou de ver as fotos da ex-mulher ao lado do belo jovem, nas redes sociais. Tinha a sua Marinete, mas incomodava-o muito imaginar a mãe de seus filhos nos braços – e pior, na cama – de

outro homem. Às escondidas, passou a monitorar os movimentos de Marta e de seu novo parceiro. Irritava-o a hipótese de que ela o houvesse esquecido, superando a tristeza do divórcio. Passou a roer unhas. Um amigo chegou a dizer que a sua queda de cabelo era por conta do ciúme. Marinete fingia não perceber as aflições do companheiro, até o dia em que os dois casais se encontraram, casualmente, em um restaurante, não havendo como ignorar o estado em que isso deixara Célio Mauro. Em seis meses, Marinete voltou para a sua casa, para não ter que aturar, por mais nenhum minuto, o homem nervoso e agressivo em que o seu marido se transformara.

De novo sozinho, Célio Mauro passou a peregrinar pelos bares da cidade, na esperança de encontrar uma outra Marinete, dessa vez, quem sabe, capaz realmente de fazê-lo esquecer, para sempre, da primeira mulher. Fracassou. Desamparado pela sorte, e bebendo cada vez mais, chegou até a pensar em acabar com a própria vida no dia em que a Justiça concluiu, a pedido de Marta e sob inspiração de Aluísio Felipe, que era melhor afastar as crianças do pai biológico. Foi a gota d’água. Assim que teve a primeira oportunidade, fez o que, num dia de fúria, planejou fazer, com a frieza de quem não tem mais nada a perder. Era um sábado em que sabia que Marta estaria sozinha. Não demorou mais que uma hora.

Deixou a casa às escuras, medindo os passos, para não ser notado. Trancou a porta. Forçou a maçaneta, para conferir se estava mesmo trancada. Por alguma razão, guardou consigo a chave. Alojou a pesadíssima mala no carro. Não olhou para trás. Queria encerrar aquele capítulo de sua vida, de uma vez por todas.

*Rogério Faria Tavares é jornalista, doutor em Literatura e presidente da Academia Mineira de Letras.

**PAULO BETTI**

Um homem de cultura

Arnaldo Niskier: Recebemos a visita, via internet, do grande ator, diretor, homem de cinema e

de teatro, Paulo Betti. Você fez um filme, está pronto. Autobiografia Autorizada, é isso?

Paulo Betti: É uma mistura. O filme, na realidade, foi *A Fera na Selva*. A Autobiografia Autorizada é uma peça de teatro, em que faço um mergulho onírico, às vezes dramático, às vezes psicoterapêutico, na minha infância e adolescência.

Arnaldo Niskier: Isso foi em São Paulo. Você teve essa infância no interior de São Paulo. Qual é a cidade?

Paulo Betti: Nasci em Rafard, que é a cidade da Tarsila do Amaral, fiquei lá até os 3 anos de idade. Depois minha família seguiu aquele ciclo da roça para a cidade e fomos para Sorocaba. A peça se passa em Sorocaba, numa espécie de quilombo onde fui criado. Era um bairro negro, em Sorocaba, que ficava numa baixada, e minha casa situava-se no lugar mais baixo dessa baixada. Minha mãe era empregada doméstica e meu pai vendia sorvete na rua com carrinho de sorvete, também era ajudante de pedreiro. Meu pai teve sérios problemas psiquiátricos, durante a vida, o que fez com que não se estabelecesse numa profissão mais regular. Ele fazia o que chamamos “biscates”. Lembro-me muito do meu pai vendendo sorvete com carrinho de picolé e como ajudante de pedreiro. Às vezes, ia para as obras onde meu pai trabalhava e ajudava um pouco a carregar tijolo. Meus avós paternos e maternos vieram de Bérghamo e de Treviso. Os paternos, de Treviso, os maternos, de Bérghamo. Convivi mais com meus avós maternos. Eles vieram juntos em 1887, tenho o passaporte deles. Mostro isso na minha peça, que, de certa maneira, é uma homenagem aos meus avós e aos meus pais. Não tinha luz elétrica, praticamente, lá naquele quilombo. Quando falo quilombo, estou exagerando um pouco...

Arnaldo Niskier: Era assemelhado a um quilombo.

Paulo Betti: Tinha uma maioria de 90% da população negra. Dali saíam três escolas de samba. Da Vila União, em Sorocaba, saíam três escolas de samba.

Arnaldo Niskier: Qual é a mais famosa?

Paulo Betti: “28 de Setembro”, “III Centenário”, “Clube dos Trinta” e uma que tinha ótimo nome: “Unidos do Pecado”.

Arnaldo Niskier: Isso é bem Nelson Rodrigues. De onde veio sua paixão pelos índios?

Paulo Betti: Estou fazendo lives como se fosse uma participação em uma peça de teatro. Agora mesmo, sinto que estou fazendo teatro, o teatro que está nos restando, neste momento, fazer. No teatro, estamos respirando, literalmente, por aparelhos. Então, quando faço uma live e tenho o prazer de estar conversando com alguém, como você, me empolgo. Com relação aos índios, descobri isso numa live... Dos 3 aos 20 anos, morei numa

rua que tinha 500 metros de terra e chamava-se Caramurus, a rua lateral era Guaicurus. As pessoas, às vezes, não se dão conta da importância que tem o nome de uma rua na nossa formação. A rua de trás chamava-se Aquidabã, o que me deu certa fixação também na “Guerra do Paraguai”. Aquidabã parece que foi uma batalha que aconteceu no Paraguai. A influência paraguaia também é forte para mim, por causa da música caipira.

Arnaldo Niskier: Você aprecia música caipira?

Paulo Betti: Fui formado na música caipira de raiz, que era a música caipira que o Antonio Candido estudou e seria objeto do livro *Os parceiros do Rio Bonito*. Ele ia fazer um trabalho sobre a música caipira chamada cururu. O cururu é um repente e tinha a forma pouco sagrada, se fazia em homenagem ao Divino Espírito Santo, por exemplo. O livro *Os parceiros do Rio Bonito* (que é um clássico da sociologia) ia ser o estudo sobre o cururu. Depois ele mudou e transformou num estudo sobre sociologia, alimentação, a vida daqueles caipiras. O caipira que falo é aquele da região de Sorocaba, Botucatu, todo aquele interior do estado de São Paulo. Eram pessoas nômades que tinham uma forma de vida, que o professor Antonio Candido mostra no livro *Os parceiros do Rio Bonito*, que era o compadrio. A cultura caipira é o compadrio...

Arnaldo Niskier: Por isso todas essas duplas estão fazendo enorme sucesso. Falei sobre a frustração da Academia Brasileira de Letras de não ter podido contar com o Antonio Candido como um dos seus imortais. O que você sabe disso? Como foi a aproximação com o grande crítico literário brasileiro Antonio Candido?

Paulo Betti: Trabalhei oito anos na Unicamp, nós montamos lá a estrutura curricular do que vem hoje ser a Escola de Teatro da Universidade de Campinas. Fui professor sob o comando de departamento do professor Celso Nunes e sob a batuta de Rogério César Cerqueira Leite.

Arnaldo Niskier: Grande cientista brasileiro e grande escritor.

Paulo Betti: Exatamente. Ele é do Conselho Editorial da *Folha de São Paulo*. Queríamos fazer uma peça de teatro sobre a cultura caipira, porque todos os professores tinham sido alunos da Escola de Teatro da Universidade de São Paulo e nos identificávamos muito pelo fato de termos vindo do interior, não éramos da capital. Tinha gente de Taubaté, Sorocaba, Piracicaba. Decidimos fazer uma peça sobre a cultura caipira, isso nos levou a ler *Os parceiros do Rio Bonito*, do Antonio Candido. Como éramos um grupo muito preocupado, as peças que fazíamos tinham sempre mergulhos nas questões sociais. Fizemos uma peça sobre os índios, mergulhamos, conhecemos Cláudio e Orlando Villas-Bôas. Fomos atrás da cultura caipira, naquele momento, para nos revelar que aquilo que tínhamos de mais forte era nossa origem. Na época, estava muito em moda o teatro. No Rio de Janeiro, tinha um grupo chamado “Asdrúbal trouxe o trombone”. Asdrúbal fazia uma peça chamada *Trate-me Leão*. Tínhamos um grupo chamado “Pessoal do Victor” e acháva-

mos que não tínhamos um reconhecimento tão forte quanto Asdrúbal. Ele falava da carioca, da forma de ser carioca, tanto que você falou sobre isso se referindo a Antonio Candido que é um carioca que se acomodou ali e ficou em São Paulo...

Arnaldo Niskier: Ele se mudou de armas e bagagens para São Paulo e acho que passou a raciocinar como paulista, mais do que como carioca. Um homem admirável. Nós, na Academia, sempre procuramos cantar o Antonio Candido para que viesse fazer parte da Casa de Machado de Assis.

Paulo Betti: Outro dia, estava lendo um livro dele, em que colocou uma questão muito interessante. Disse que a literatura brasileira é um pequeno ramo da literatura portuguesa que, por si, é um pequeno arbusto. Nós que temos uma literatura que considero maravilhosa, mas dentro da perspectiva do professor Antonio Candido, da abertura para outras coisas, para a grega, inglesa, americana, francesa, o que representamos...

Arnaldo Niskier: Você escreveu uma peça, botou debaixo do braço e saiu mostrando por aí. O que foi isso?

Paulo Betti: Fiz essa peça, Autobiografia Autorizada, que é esse mergulho na minha infância e adolescência com os olhos do menino. O espaço da peça é preenchido pelo meu pai, minha mãe, minha avó, meu avô e meus irmãos. Minha mãe teve 15 filhos, fui o 15º, temporão. Tem uma situação muito interessante na minha infância, porque meu avô, esse emigrante italiano, trabalhava a meia para um fazendeiro negro. O dono das terras onde meu avô trabalhava era negro. Então, isso me deu uma visão muito interessante. Ia para a roça do meu avô e ficava na senzala, que foi o lugar destinado para os italianos. Os italianos vieram nessa emigração... O Brasil oficialmente queria embranquecer. Houve um estímulo para que viessem emigrantes da Itália, no sentido de embranquecimento oficial do Brasil. Isso foi uma política de estado e os italianos ocuparam os lugares onde os negros ficavam nas senzalas. Daí olhávamos e, na Casa Grande, estava o senhor, o proprietário, que era um homem negro. Era muito interessante. Ele saía com o carro e a menina do lado dele, que era a filha, tinha a mesma idade que eu. Minha mãe dizia: “O Paulo vai casar com a Nazaré.” Então, tive essa visão, na infância, do homem negro numa posição de superioridade. Essa convivência foi muito marcante e achei que valia a pena fazer essa autobiografia. Estou há cinco anos na estrada com essa peça. Fiz 15 cidades portuguesas agora, neste ano. Em Portugal, foi interrompida a temporada por causa da pandemia e, neste momento, estou fazendo a peça on-line. Faço do Teatro PetraGold ou da minha casa.

Arnaldo Niskier: Você teve alguma ajuda oficial?

Paulo Betti: Não, para isso não. Uma das sessões que vou fazer da minha casa sim, vou fazer pelo SESC, uma unidade do SESC de São Paulo...

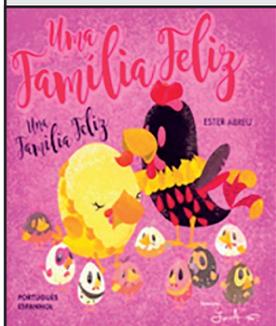
Arnaldo Niskier: O SESC faz coisas muito bonitas. Danilo Santos de Miranda é grande profissional, sob a direção do Abram Szajman. São pessoas que fazem trabalhos admiráveis, no meio dessa coisa que criticamos que é a omissão do governo federal em relação ao processo cultural brasileiro.

Paulo Betti: Queria complementar dizendo que sou fruto do trabalho social do Salesiano, do trabalho do SESC e do SESI, desses centros de cultura, educação profissional. Se não tivesse isso, eu não existiria, também falo da escola pública de bom nível. Frequentei uma escola, um ginásio industrial, onde entrava às 7h da manhã e saía às 17h.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



UMA FAMÍLIA FELIZ

Uma Família Feliz (Editora Formar, 2019) é mais uma produção literária voltada para o público infantil da atual presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Ester Abreu Vieira de Oliveira.

Em tradução bilíngue para o Pomerano pela Equipe do Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo), com caprichada direção de arte de Douglas Ramalho, a história da amizade dos franguinhos se passa num sítio de uma vovó, que acompanha o crescimento e as peripécias dos animaizinhos. Com um texto amoroso, entre mensagens de cuidados, inclusão e aceitação das diferenças, nascem oito novos pintinhos, no meio de uma família

feliz, formada por um galo preto e uma galinha amarela. Tudo sob o olhar carinhoso de uma vovó risonha. Nota-se que os personagens principais não têm nome: representam arquétipos presentes universalmente, personificando, através de animais, sentimentos mais do que humanos. Observados em todos os grupamentos familiares. As ilustrações de Jota R. (Wellington J. C. Torres Jr.) alcançam o tom exato da narrativa, acompanhando o ritmo, a leveza e o colorido do texto, valorizando cada passagem da história. Ester Abreu Vieira de Oliveira percorreu todas as escalas do magistério. Foi professora primária, secundária e de cursos superiores. Professora Emérita da UFES, é doutora em Letras Neolatinas (UFRJ), pós-doutora em Filologia Espanhola (UNED-Madri), mestre em Letras-Português (PUC-Paraná). Com mais de 50 livros publicados, recebeu diversos prêmios acadêmicos. Além de ser a atual presidente da Academia Espírito-santense de Letras, é membro, entre outras instituições, da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

CANÇÃO DA VIDA

Na apresentação do livro *Canção da Vida* (Leya, 2020), Gabriel Chalita antecipa o que o leitor vai encontrar nas 144 páginas que se seguem: “Aqui estão alguns poemas criados em momentos diferentes da minha vida. E frases anotadas nos rascunhos dos meus sentimentos.” Com a liberdade da prosa, tecendo com delicadeza seus versos, dominando a concisão dos aforismos, nada escapa à completude de um poeta maduro e sensível, que nos brinda com sua escuta generosa da vida. Na orelha da obra, a afirmação consistente de que “Chalita nos ensina que as palavras de um único homem podem encontrar maneiras pungentes de dizer, a muitas pessoas, o que realmente importa”. Com capa, projeto gráfico e diagramação de Kelson Spalato, a publicação exhibe encanto, em todos os cantos, como afirma o quinto poema Em cada canto: “Essa é a minha história. /Uma história de um amor feito canto, em todos os cantos.” Da Canção honesta (a primeira), o autor avança pelas Palavras, com Fatura, Um olhar, Paixão, Cansaço, Para os que virão, passando pela Triste herança, O espelho, Mãe, Esperança, Timidez, Olhares chegando à Pausa, entre tantos outros escritos que carregam, em comum, a extrema sensibilidade. Além de apresentar um ritmo fácil, os textos, líricos por excelência, acompanham o tempo, ligando, com o fio mágico de sua poesia, o passado, o presente e o futuro. Gabriel Chalita é membro da Academia Brasileira de Educação e da Academia Paulista de Letras. Publicou mais de 90 livros, entre eles, *A Ética do Rei Menino*, *O Pequeno Filósofo*, *Pedagogia do Amor* e *Os Dez Mandamentos da Ética*. Professor, fez dois doutorados – em Comunicação e Semiótica e em Direito – e dois mestrados – em Sociologia Política e em Filosofia do Direito.

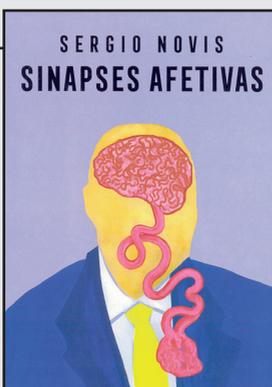


SINAPSES AFETIVAS

Ao longo da vida, o renomado neurologista Sergio Novis observou o mundo ao redor, registrando suas impressões e sentimentos.

O resultado das recordações coletadas desde a infância, no então bucólico bairro do Cosme Velho, onde nasceu, até o ano da pandemia que assolou o planeta, está na obra *Sinapses Afetivas* (2020).

Com um texto fluido e pleno domínio da linguagem, a narrativa é dividida em 16 partes, fragmentadas em 73 capítulos. Ao longo de 280 páginas, a obra oferece imagens de arquivo pessoal, ilustrando crônicas sobre diversas fases, apresentando um panorama não sobre doenças, tratamentos ou terapias, mas, principalmente, sobre emoções que acompanharam a trajetória do autor “dos oito aos oitenta”. No prefácio, seu confrade na Academia Nacional de Medicina, JJ Camargo, recomenda, fortemente, a leitura, destacando a sabedoria do mestre, definindo-o como uma marca, uma grife de luxo: “Os que se acercam se dão conta de que tudo nele impressiona pela naturalidade da grandeza.” Membro de uma família que há seis gerações dedica-se à medicina, Sergio Augusto Pereira Novis nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de maio de 1940. Graduou-se em 1963, pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (atual UNIRIO). Entre outros títulos, é Professor Emérito da UFRJ, Membro Fundador da Sociedade Brasileira de História da Medicina – Capítulo do RJ, Membro Titular da Academia Brasileira de Neurologia, da Academia Nacional de Medicina, da American Academy of Neurology e da Societé Française de Neurologie.



O BOI ZEBU E AS FORMIGAS

O Boi Zebu e as Formigas (Belo Horizonte, 2020) é a edição comemorativa dos 18 anos do evento Livro de Graça na Praça.

A coletânea reúne 18 contos e sete poesias, totalizando obras de 25 autores. Entre as poesias, a do cearense Patativa do Assaré (1909-2002) dá nome ao título, narrando a história de um boi que foi dormir à sombra de um “juazêro”. O ruminante “firmou as quatro pata em riba de um formiguêro”. Unidas, as formigas saem em defesa de seu território, numa prova incontestável de que a união faz a força.

O projeto Concurso Nacional de Contos Livro de Graça na Praça conta com a participação de vários autores estreados, além de acadêmicos e escritores consagrados, como Affonso Romano de Sant’Anna, Frei Betto, Thiago de Mello, Márcio de Souza, Olavo Romano, Ronaldo Simões e Fábio Lucas, entre outros. Este ano, Alvarenga Peixoto, Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, Gonçalves Dias, Gregório de Matos, Lamartine Babo, Luciano Carneiro e o presidente da Academia Mineira de Letras, Rogério Farias Tavares, estão entre os autores.

No prefácio, Arthur Vianna destaca o compromisso do projeto: “Para todos nós, o único compromisso do Livro de Graça na Praça é com o desenvolvimento da Educação por intermédio da escrita e da leitura.” De acordo com as recomendações de distanciamento social impostas pela crise do Covid-19, e até que se torne possível reunir novamente na praça, o Livro de Graça na Praça criou uma praça virtual para que o livro seja distribuído, gratuitamente, em PDF, no blog do evento (livrodegracanapraça.blogspot.com).

O boi zebu e as formigas



A FINITUDE É UMA INCÓGNITA

Este é o primeiro livro da carioca Rose Pinheiro. *A Finitude é uma Incógnita* (Ed. Autografia, 2020) foi escrito em tom de desabafo, depois de um período crítico de sua história. A autora enfrentou turbulências no casamento que a fez refletir sobre sua própria condição humana.

Apesar de a temática ser a separação conjugal e as crises dela decorrentes, passando por caminhos tortuosos e tempos sombrios, a narrativa delicada expõe sentimentos universais, resultando numa obra firme, em que as palavras surgem como potência para demonstrar a incrível força de superação dos obstáculos que vão surgindo.

Dividido em 14 capítulos, o livro surpreende pela prosa ao mesmo tempo humana e lírica, que nos toca com a intimidade própria dos poetas. A voz que nos fala vem de dentro de cada palavra selecionada, sem máscaras, sem temor. Sua independência se faz mais forte pela escolha do tema. Corajosa, porém, sem o ranço do rancor. Os assuntos narrados são desencadeados de forma harmônica, dando ao leitor a compreensão do que há de evocativo nas lembranças. No final desse passeio interior, a autora nos leva a refletir sobre as escolhas e a capacidade humana de superação, ligando, com a firmeza delicada de sua narrativa, o passado ao futuro.

A professora, pedagoga e pianista Rose Pinheiro carrega um nome floral. Sugestivamente, trata as palavras como um jardineiro cuida de flores. Desde 2019, participa de um projeto social para levar a música às sociedades carentes e participa de uma banda pop como tecladista. Trabalhou em escolas como regente de corais e, atualmente, dedica-se à sua nova descoberta como escritora.



CONTOS E DESCONTOS

Contos e Descontos (Editora Loope, 2020), de Antenor Barros Leal, recebeu do autor uma definição inédita: “Esse é um livro de permissão criativa.” A coletânea reúne 84 textos, distribuídos ao longo de 192 páginas. Não se trata de uma obra autobiográfica, com fotos de parentes ou das inúmeras medalhas, títulos e condecorações que colecionou ao longo do tempo. A exceção foi feita, somente, para falar dos pais, D. Amélia e Seu Antenor, com o artigo “Dos meus pais”, ilustrado com fotos, ocupando as orelhas.

Os artigos que chamou de “Contos” não têm datas e tratam de viagens imaginárias – dele e de outros. Já os “Descontos” traduzem ideias e pensamentos sobre o cotidiano. Com o domínio de uma escrita clara, sensível e densa, na mesma medida, os textos denotam uma vivência repleta de erudição e encantamento com o mundo.

Antenor Barros Leal é formado em Direito, mas sempre atuou na atividade industrial. Foi presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), presidente do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE/RIO), vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), presidente da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), presidente do Sindicato dos Moinhos de Trigo dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Goiás e membro do Conselho de Curadores da Fundação do Câncer. Condecorado com a Medalha de Honra das Três Forças, já realizou inúmeras palestras no Brasil, Canadá, Estados Unidos, Argentina, Inglaterra, Peru, Chile e Alemanha. É autor de inúmeros artigos, publicados nos principais jornais do país.



O que significa ser alfabetizado em nosso país?

Por Viviane Schueda Stacheski*

Que importância é dada por cada pessoa à sua alfabetização? O que é ser alfabetizado em nosso país? Para quem é alfabetizado e a teve na idade certa, nem consegue imaginar o que seria de sua vida sem o domínio da leitura e da escrita, já que essas atividades são naturais no dia a dia e em diversas práticas corriqueiras. Esse cenário muda completamente quando tratamos das pessoas não alfabetizadas.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil conta com 7% da sua população analfabeta, isso transformado em números equivale a 11,5 milhões de pessoas que vivem sem conseguir reconhecer informações simples e úteis em seu cotidiano, já que esses dados equivalem ao analfabeto completo, não aqueles que sabem escrever seu nome e ler e escrever algumas palavras. Diante disso, se faz necessário lembrar que, por trás das pessoas que não foram alfabetizadas, há sempre um senão social que as impediram de frequentar a escola. Como exemplo, podemos pensar nas pessoas que vivem muito distantes e não têm locomoção para chegar a elas; nas muitas famílias que não puderam matricular seus filhos, pois necessitavam de seus serviços braçais, embora ainda menores de idade; nos tantos brasileiros que acabaram vivendo nas ruas correndo atrás de esmolas para

não morrerem de fome, dentre tantos outros casos.

Motivos para o não acesso à alfabetização são muitos, mas as ações para diminuir esse número ainda não demonstram resultados para uma queda significativa. A meta de número 9 do Plano Nacional de Educação tem como objetivo elevar a taxa de alfabetização e atingir zero por cento da taxa de analfabetismo até 2024, número este impossível de atingir, já que, em 2019, de acordo com Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgada pela Agência Brasil, a taxa era de 6,6%. Para índice desta pesquisa, são consideradas as pessoas com mais de 15 anos e, para que esse número diminua, são necessários fortes investimentos na Educação de Jovens e Adultos com campanhas de resgate àqueles que não tiveram oportunidade de ensino na idade certa.

Por conseguinte, ser alfabetizado em nosso país representa muito mais do que se ter o domínio da leitura e da escrita, representa estar dentro de uma das fatias privilegiadas socialmente, já que não lhe foi negado o direito ao acesso ao ensino das letras. Privilégio este, maior ainda, para aqueles que tiveram oportunidade de acesso e de permanência na educação básica. Frente a isso, nos cabe sermos gratos e conscientes de que o nosso direito à educação foi preservado e, na medida do possível, buscarmos maneiras de agir a favor da mudança do cenário de analfabetismo do nosso país. Não apenas para a melhoria dos índices nacionais perante às organizações mundiais, mas, principalmente, para que para esses milhões de brasileiros passem a enxergar o mundo com a clareza das letras e possam recuperar, ainda que tardiamente, seus direitos à educação.

*Viviane Schueda Stacheski é mestre em Ciências Humanas e professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Internacional Uninter.

Da inquietude à poesia

Por Rose Lima*

Era manhã de dezembro de 2019, e um diálogo amoroso com o mar acontecia. Uma pergunta fazíamos um ao outro: Qual caminho percorrer?

Tantas incertezas se confundiam com oportunidades, idas e vindas e recomeços. Era preciso avançar e passar pelas pedras no percurso. Sendo positivos, o mar e eu sabíamos que não podíamos ficar paralisados. Éramos caminhantes da completude. Seja lá o que viesse pela frente, enfrentaríamos juntos. Então, olhei para aquelas ondas e imaginei todas as possibilidades.

Conflitos internos ainda existiam. Angustias tomavam conta dos meus pensamentos. Ansiedade era por vez descompasso no peito. Tempestade emocional batia à minha porta. Assim como o mar, às vezes, tormenta, outras vezes, calmaria.

Nesse processo, eis que pela minha janela adentraram fragrâncias de esperança e a vontade de me amar superou os meus medos.

Na inquietude desses tempos, encontrei o amor próprio. Sabia que exercícios físicos eram indicações para o momento, porém, o autoamor foi o exercício diário mais importante da minha vida.

No meu canto, refleti. Fiz releituras do meu viver. Precisava excluir certos pensamentos e incluir outras coisas. No silêncio, busquei inspiração. Os livros se tornaram companheiros da jornada. Amigos me

enviavam vibração, sem nada pedir em troca. Agradei a essa gente da gente, que permaneceu comigo mesmo distante.

Descartei de vez o peso desnecessário que entristecia o meu ser. Fiz a faxina na alma. Me deixei rasgar. Me despi do que não fazia mais sentido. Renasci de um outro jeito. Olhei para dentro de mim. Autoconhecimento chegou e vi surgindo minha melhor versão. Me tirei para dançar. Sensação de liberdade plena. Malas prontas para dentro de mim, usei chapéu de flor para que o meu afago atravessasse distâncias, e alcançasse corações. A poesia a mim se apresentou e a escrita se revelou. Versos ditos e não ditos no isolamento. Permiti escritas escondidas. Rabisquei sobre lugares visíveis e imaginários. Em meus textos, revivi momentos inesquecíveis, da infância, do amor de uma avó. Indaguei o tempo e a chuva. Com espírito desbravador, fui pedaço de coração. Fiz oração. Dei recado além e aquém da janela. Saí de mim mesma e fui para a esquina da ilusão. Exercitei o amor. Ouvei a canção que faltava. Amanheci dançando no claro do dia e deixei a luz invadir a minha casa, a minha vida e o meu coração. Descobri o valor do olhar e também que o amor é sofisticado. Aprimoramento no sentido amplo da palavra.

Hoje, um ano depois, me sinto decidida e mais forte. Não faço questão, faço poesia.

O sonho que me habita perpassa por momentos surpreendentes. Como a suavidade do voo de um passarinho. Como a chuva fininha que molha o quintal e deixa o cheiro de terra molhada. Como a orquídea que renasce e oferta flor outra vez.

E, assim, meu sonho se torna realidade e gesta outros sonhos porvir.

Quanto a resposta àquela pergunta, é: seguir em frente. Sempre!

*Rose Lima é professora da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, desde 1990.

Museu do Holocausto em Portugal revive a memória da tragédia

Por Antonio Valdemar

A inauguração oficial do Museu do Holocausto em Portugal, na cidade do Porto, o primeiro na Península Ibérica – e que deveria coincidir com a comemoração do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto – foi adiada, devido ao surto, cada vez mais intenso e preocupante, do Covid-19. Portugal tornou-se um dos países com mais mortos por milhão de habitantes e, ao mesmo tempo, com maior taxa de contágio na Europa.

Instalado na zona do Campo Alegre e construído pela Comunidade Judaica do Porto, liderada por Dias Ben Zion, a concretização do projeto contou com a colaboração do Museu do Holocausto de Washington, que disponibilizou arquivos referentes a refugiados que, durante a Segunda Guerra Mundial, passaram pelo Porto. Também recebeu um donativo de uma família sefardita portuguesa do Sudeste da Ásia, vítima de um campo de concentração.

Uma cerimônia restrita que teve a presença de representantes da Comunidade Judaica, do presidente da Comunidade Muçulmana e do Bispo do Porto permitiu conhecer o acervo deste Museu do Holocausto. Para exposição permanente, encontram-se documentos oficiais, testemunhos, cartas e centenas de fichas individuais. Também se destacam, no conjunto, dois Sifrei Torá oferecidos à sinagoga do Porto por refugiados que chegaram à cidade com as suas vidas desfeitas.

Entre os objetivos prioritários do museu destaca-se o investimento na área do ensino e no apoio da investigação, para a formação profissional de educadores, a promoção de exposições, realização de conferências, de colóquios e outras iniciativas culturais e cívicas. Hugo Vaz, curador do Museu do Holocausto, considera

que – ultrapassada a grave crise sanitária que determinou o encerramento oficial de todos os estabelecimentos de ensino, desde o pré-primário ao universitário – se possam realizar visitas de estudo. Assim, admite que se registre significativa afluência pois, antes da pandemia, “cerca de 10 mil alunos por ano costumava visitar a Sinagoga”.

Outras personalidades da Comunidade Judaica do Porto, como Dara Jeffries, reconhecem que “importa ensinar o Holocausto em Portugal. Na escola, meu irmão e eu éramos os únicos judeus. O tema nunca era abordado nem ensinado, e poucos sabiam o que tinha sido o Holocausto”.

Por seu turno, Jonathan Lackman deseja seguir, no Porto, através do museu, “o papel que os avós tiveram nos EUA para a preservação da memória do Holocausto”. “O meu avô fugiu de Treblinka e a minha avó foi resgatada com tifo do campo de Bergen-Belsen, no norte da Alemanha, onde faleceu Anne Frank. Contarei sempre a história deles”, declarou.

Para o presidente da Organização de Direitos Humanos B’nai B’rith International, Charles Kaufman, o novo Museu do Holocausto no Porto, a abrir ao grande público em data a noticiar, oportunamente, representa um testemunho da herança e resiliência judaicas, que vai “servir de farol para Portugal e para o resto da Europa”. É, portanto, mais um decisivo contributo para reviver uma memória de horror que não pode ser apagada.



Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura: O Tempo e os Fantasmas

Por Diego Mendes Sousa*

Venho proclamar louvores aos tesouros sentimentais oriundos do interior do Piauí. Refiro-me aos escritores da minha predileção: Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura.

Ambos nasceram no ano de 1933 e são membros efetivos da centenária Academia Piauiense de Letras (APL), sendo Álvaro, um filho ilustre da cidade de Jaicós, e Francisco, de Picos.

São dois brilhantes intelectuais que fizeram história e literatura. Estão vivos e consagrados. São os maiores nomes da poesia piauiense. Donos de obras literárias valiosas e elogiadas por gente de proa deste Brasil.

Álvaro Pacheco foi senador da República e jornalista, participante da reformulação do *Jornal do Brasil* em 1956, ao lado de Reynaldo Jardim (1926-2011), Ferreira Gullar (1930-2016), Carlos Castelo Branco (1920-1993) e Mário Faustino (1930-1962). Era editor e proprietário da *Artenova*, que publicou livros semanais e em primeira edição, de autores excepcionais como Clarice Lispector (1920-1977) e João Ubaldo Ribeiro (1941-2014).

Francisco Miguel de Moura faz parte de uma geração que repensou o Piauí das letras dos anos 1960, composta por Herculano Moraes (1945-2018), Hardi Filho (1934-2015) e Tarciso Prado (1938-2018). Escritor completo, Chico Miguel, como é

carinhosamente conhecido, é romancista, contista, cronista e crítico literário.

A poesia de Álvaro Pacheco e de Francisco Miguel de Moura está mergulhada no despedaçamento da dor humana. Os poetas trabalham com temas caros à essencialidade da existência: tempo, memória, morte e o esvaziamento da eternidade. Além disso, impressionam pela impecável riqueza da linguagem.

Álvaro Pacheco é daqueles artistas que fascinam pela terrível pulsação da sensibilidade. É um predestinado que oferta a sangria das suas experiências e a força da sua alma evoluída: “Guardei muitas lembranças para o meu manuscrito / e inumeráveis eventos gravaram nele seus autógrafos: / talvez seja esse / meu único legado.”

O ritmo lírico de Álvaro Pacheco intensifica os instantes, os gestos, a solidão, os sonhos, a geometria dos ventos, a epifania das estrelas e os itinerários da própria vida. Poeta de energia selvagem, que faz, do seu dom, uma mística do encantamento: “A dor da alma conheci demais e meu corpo / poupou-se pelos medos incontáveis.”

Francisco Miguel de Moura é um ser admirável. Homem simples e generoso, que tenho o privilégio de conhecer de perto.

Os tons da poesia de Chico Miguel têm uma fluidez peculiar e muito inteligente, que agregam um universo mágico e apaixonante: “Sou perfume de mim e odor do mundo/ para que a terra me cuspa.”

Íntimo dos sonetos, as imagens e as águas do seu discurso são uma busca incessante pela beleza: “Tu brincavas na areia, ondas salgadas / vinham quebrar-se nos teus pés sem pejo.”

Destaco que Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura estão presentes em uma clássica coleção da poesia brasileira intitulada *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, das Edições Galo Branco, do Rio de Janeiro, que contempla nomes importantes como Anderson Braga Horta, Gilberto Mendonça Teles, Lêdo Ivo, Carlos Nejar, Antonio Olinto, Antonio Carlos Secchin, A. B. Mendes Cadaxa, Astrid Cabral, Emil de Castro, Gabriel Nascente, Afonso Henriques Neto, Ives Gandra Martins, Lina Tâmega Peixoto, Lourdes Sarmento, Darcy França Denófrio, Diego Mendes Sousa, Marcus Vinicius Quiroga, José Inácio Vieira de Melo, dentre outros notáveis.

Álvaro Pacheco apareceu no volume 17 (no ano de 2006), enquanto Chico Miguel de Moura, no volume 65 (no ano de 2013).

Álvaro Pacheco e Francisco Miguel de Moura são valores da poesia da atualidade que merecem aclamação pela qualidade e quantidade da produção e, sobretudo, pela inestimável elevação da cultura literária em nosso país.

*Diego Mendes Sousa é poeta piauiense. Autor de *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (Edições Galo Branco, 2010, volume 53).

Na ponta dos pés de Ana Botafogo

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, o JORNAL DE LETRAS abre espaço para homenagear uma artista que sempre contribuiu para engrandecer o cenário cultural do país. Com leveza, graça e muita competência, eleva a nossa autoestima como nação brasileira de capacidade e talento, igualando a nossa arte ao mesmo patamar no cenário mundial.

O início da história da bailarina Ana Botafogo é de dedicação e abdicção. O jogo de emoções que o ballet desencadeia não tardou a ser descoberto: “Muitas vezes tive de congelar meus sentimentos de tristeza para me entregar ao dia a dia do balé...”, revela no livro *Ana Botafogo – na ponta dos pés* (Editora Globo, 2006). A obra é baseada em entrevistas com a jornalista Leda Nagle e com a coreógrafa e ex-diretora do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Dalal Achcar, com redação final de Eliana Rocha.

Com prefácio assinado por Alicia Alonso, bailarina, coreógrafa e diretora do Balé de Cuba, um dos mais respeitados do mundo, o cotidiano, os sonhos, os amores, as esperanças, as perdas e os medos são elementos presentes na publicação. Impressões sobre a dança e a vida, que mesclam a trajetória profissional com a pessoal, possibilitando o reconhecimento do percurso de uma das principais bailarinas brasileiras de renome internacional.

Ao longo de 136 páginas, o livro trata de momentos importantes da vida de Ana Maria Botafogo Gonçalves Fonseca, sua estreia internacional, a entrada para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro como primeira bailarina, as apresentações que tiveram mais êxito e seus balés prediletos. Sensível e determinada na mesma medida, Ana enfatiza a necessidade do planejamento e do eterno aprendizado para o reconhecimento profissional e aponta possíveis fatores que a conduziram a uma posição de destaque. Dentre eles, muita disciplina, foco e força de von-

tade. Para manter a forma de seu 1,60m e 45kg, faz aulas de balé todos os dias: “Acho que cheguei tão tarde na carreira porque sempre fui muito disciplinada, não deixo de fazer aula diária, trabalho seis dias na semana”, afirma.

A carreira de bailarina profissional teve grandes e pequenos saltos, além de algumas quedas. Ana sofreu um acidente de carro no início da carreira, não foi aceita em alguns papéis de destaque, sofria com as dores musculares e ainda tinha uma vida pessoal para ser atendida. Não desistia de alcançar o posto de primeira bailarina por amor à dança e por um incentivo que ouviu de Margot Fonteyn, bailarina inglesa consagrada na Academia The Royal Ballet: “Você vai crescer, vai ser alguém. Acredite nesse brilho interior.”

Dalal Achcar, uma das autoras do livro, também acreditava nesse brilho. A coreógrafa convidou Ana Botafogo para, em 1978, dançar uma versão pop do clássico “Romeu e Julieta”, espetáculo decisivo para germinar a semente da popularização da dança em Ana. Depois disso, realizou outras apresentações de dança contemporânea, como “Sonho de uma noite de carnaval”, “Flertando”, “Floresta Amazônica” e “Isto é Brasil”, esta última acompanhada por Carlinhos de Jesus. No entanto, Ana tem paixão – e é reconhecida – pelas obras clássicas (como “O Lago dos Cisnes”) que consagraram sua carreira desde quando participava como figurante.

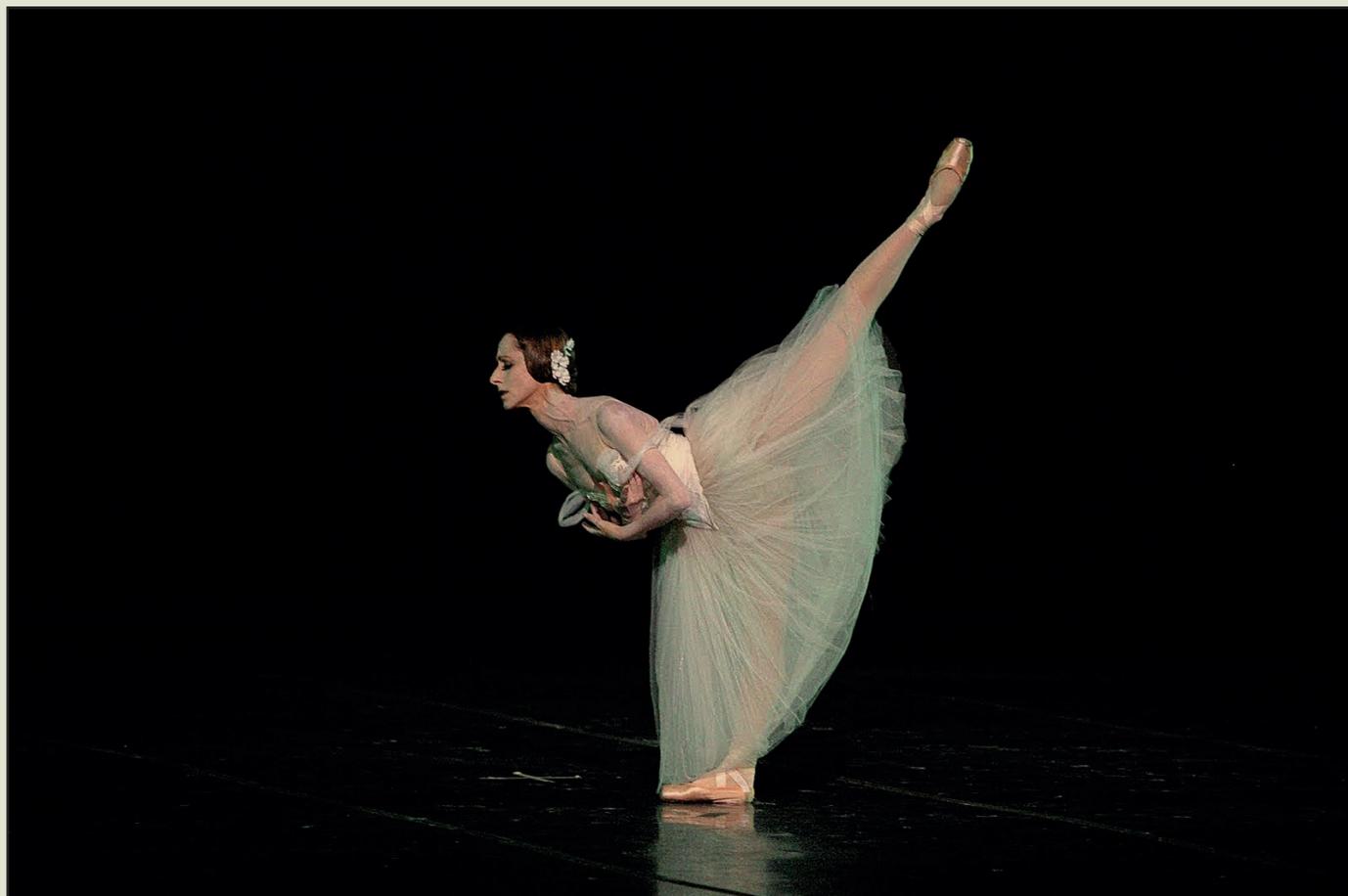
A felicidade por ser chamada para interpretar “Giselle”, seu repertório preferido, e as dificuldades nos ensaios talvez só sejam entendidas por quem dança. Mas sua fragilidade diante da morte de dois maridos e o cansaço mental e físico de dias de trabalho são completamente compreensíveis ao leitor.

Ana Botafogo – na ponta dos pés é uma delicada biografia, com uma narrativa fluida e cativante. O livro, com ilustrações de traços leves feitas por Marina Mayumi Watanabe, vem acompanhado por um CD de Waldemar Gonçalves, com músicas inéditas para quem quer aprender balé e algumas orientações a respeito da profissão.

Leve, agradável e de fácil entendimento, a obra reverencia a dança e a trajetória de quem, dotada de uma técnica e versatilidade ímpares, exerce a profissão com perfeição, magia, carisma e brilho incontestáveis.



A bailarina Ana Botafogo com Manoela Ferrari, do JORNAL DE LETRAS.



BIOGRAFIA

Ana Botafogo é, sem dúvida, o principal nome da dança clássica brasileira. Nascida no Rio de Janeiro no dia 9 de julho de 1957, começou a fazer iniciação musical e a dançar aos sete anos de idade, com a bailarina Luciana Bogdanish, no Conservatório da Urca. Aos onze, já dançava no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, nas apresentações de final de ano.

Na França, para onde se mudou com 19 anos, teve início a carreira profissional, no Ballet de Marseille. Frequentou a Academia Goubé na Sala Pleyel, em Paris (França), a Academia Internacional de Dança Rosella Hightower, em Cannes (França), e o Dance Center-Covent Garden, em Londres (Inglaterra).

Após um período morando em Londres, voltou ao Brasil e participou de um concurso, em 1981, que fez dela a Primeira Bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde estreou com o ballet Coppélia. Desde então, dançou clássicos como A Bela Adormecida, O Quebra Nozes, Giselle, Romeu e Julieta, La Sylphide, Dom Quixote, La Bayadéré, O Lago dos Cisnes e Onegin, entre outros, na Europa, América do Norte, América Central e América do Sul.

Foi várias vezes ao exterior como convidada de outras companhias, como a Saddler's Wells Royal Ballet, de Londres, o Ballet Nacional de Cuba, o Ballet Nacional da Venezuela e o Ballet del'Operadi Roma. Em 1995, na qualidade de estrela convidada da Companhia da Ópera de Lodz (Polônia), interpretou o papel principal feminino do Balé Zorba, o Grego, dançando em várias cidades do Brasil.

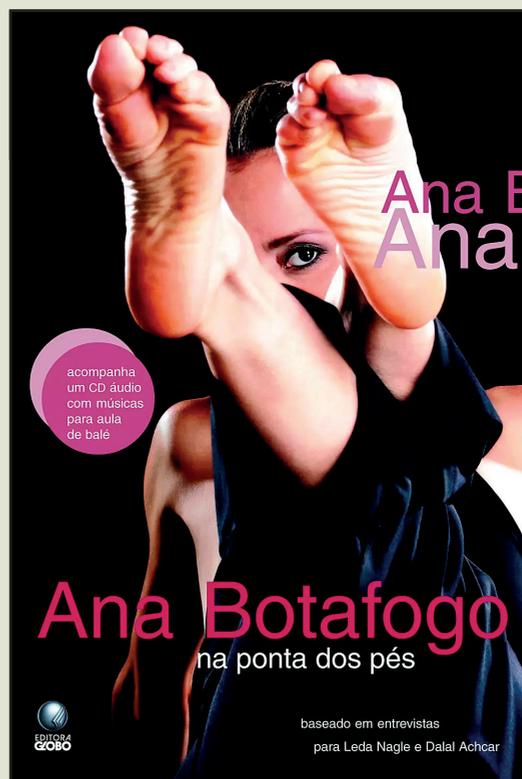
Suas performances no exterior incluem participações em Festivais em Lausanne (Suíça), Veneza (Itália), Havana (Cuba) e na Gala Iberoamericana de La Danza, representando o Brasil, no espetáculo dirigido por Alicia Alonso, em Madrid (Espanha), realizado em comemoração aos 500 Anos do Descobrimento das Américas.

Alguns de seus principais partners foram Fernando Bujones, Jean Yves Lormeau, Julio Bocca, Stephen Jefferies, Lazaro Carreño, Alexander Godunov e Richard Cragun. Já recebeu vários prêmios e homenagens, no Brasil e no exterior, pelo conjunto de sua obra. Além das temporadas do Teatro Municipal, desenvolveu seus próprios projetos, levando espetáculos a diversas capitais brasileiras, como o Ana Botafogo In Concerte Três Momentos de Amor.

Aos 32 anos, perdeu o primeiro marido, o bailarino inglês Graham Bart, tragado por uma onda durante uma ressaca no Rio, em 1988. Doze anos depois, o segundo marido, o advogado Fabiano Marcozzi, foi vítima de um AVC fatal. Para superar a tristeza, a arte foi fundamental: “A dança me ajudou muito naquele momento. Como você trabalha com o físico, tem que estar bem. Eu não podia não fazer aula, não ensaiar. Isso acabou me fazendo forte em um momento que eu estava muito frágil. O show tem que continuar e eu tive que continuar também, mesmo triste, para que pudesse levar alegria para as pessoas”, ensina com sabedoria e generosidade.



Ana Botafogo entre bailarinas mirins, numa das muitas oficinas de balé que costuma dar pelo Brasil.



Livro Ana Botafogo – na ponta dos pés (Editora Globo).

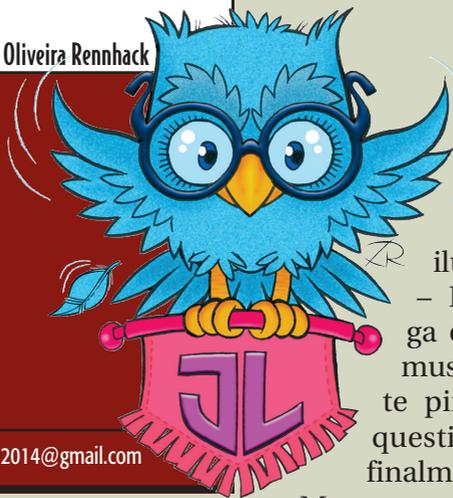


A estreia como atriz aconteceu na Rede Globo, em 2006, com a novela *Páginas da Vida*, de Manoel Carlos, quando viveu Eliza, uma ex-bailarina. Ao ser questionada sobre o significado da dança em sua vida, responde: “Eu já não lembro mais da minha vida sem a dança. Ela sempre me proporcionou foco e me mostrou que, para qualquer coisa, é necessário ter determinação para que a gente possa superar os desafios da carreira.”

Os desafios de Ana, somados à sua determinação e garra, são intermináveis. Este ano, dirigida por Maria Maya, estrela a adaptação teatral de *Dores do Amor Romântico*, primeiro livro de poemas da escritora multimídia Fernanda Young (1970-2019), lançado em 2005. Afinal, para a artista, o show, assim como a vida, não pode parar.

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

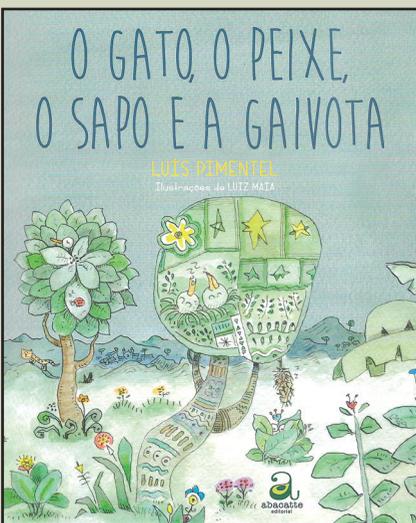
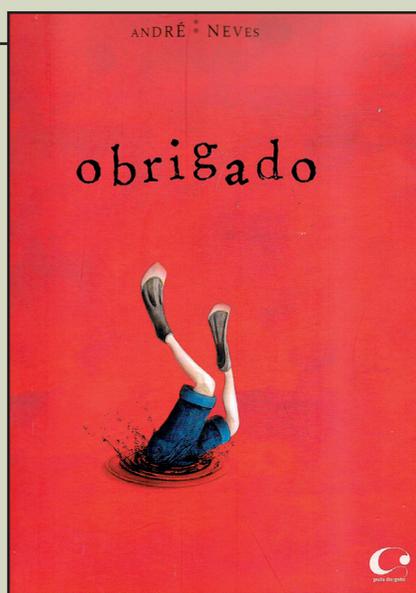
Quero voltar a ser feliz!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Com a esperança renovada com a chegada das vacinas que poderão nos escudar contra a Covid-19, nossa página retoma um “quase normal”, apresentando a produção heroica de autores e editores que, como eu, acreditam no futuro.

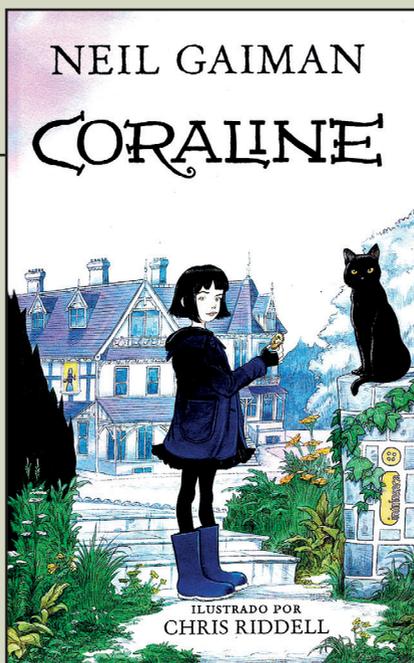
São lindos livros, em produção editorial e conteúdo que nos sacodem do pessimismo e nos empurram para a frente.

Obrigado – André Neves (Pulo do gato) – Roger Mello resume, em sua mensagem ao autor, todo o sentimento que transborda desse livro lindo: “Obrigado por entregar o melhor de você a todos nós.” Homenageando poetas, André os envolve na própria poesia. Quantos, após lê-lo, irão procurar conhecer melhor os homenageados? E, assim, a beleza se amplia e novos leitores são encantados. Obrigada, André Neves, por nos envolver na sua poesia, obrigada, Márcia Leite, pelo primor da edição, e obrigada, Roger Mello, pelo testemunho e cumplicidade de poeta.

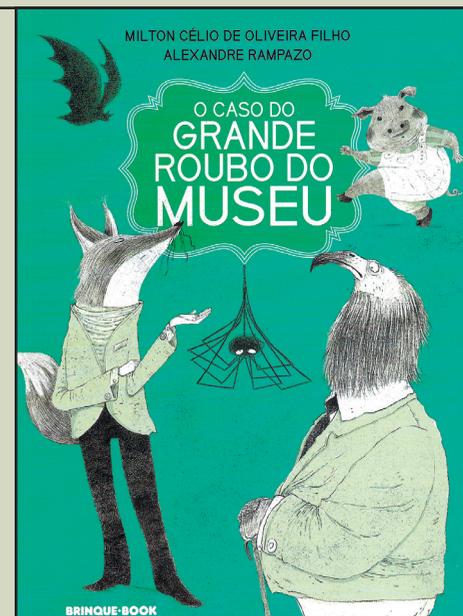


O Gato, o Peixe, o Sapo e a Gaivota – Luís Pimentel, ilustrações de Luiz Maia (Abacatte) – Um tem fome e espreita a caça; o outro se exhibe, pensando-se salvo; um tudo observa e, finalmente, alguém interfere na história! O autor subverte a cadeia alimentar e nos faz pensar em compaixão nas leis da natureza, tema improvável, mas, por certo, vai proporcionar boas conversas com a garotada! Cada um no seu quadrado – isso pode?

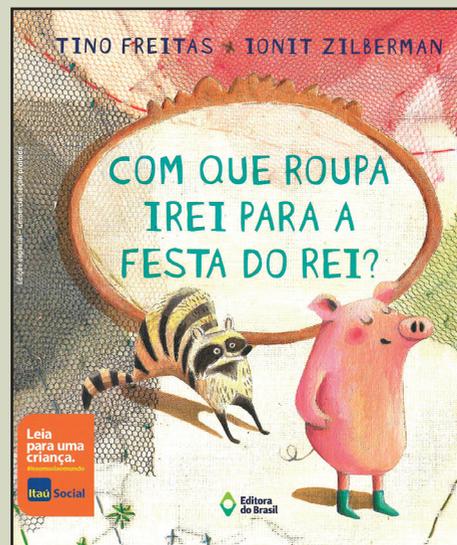
Coraline – Neil Gaiman, ilustrações de Chris Riddell e tradução de Bruna Beber (Intrínseca) – Fantasia, horror e ficção científica – misture tudo e você vai encontrar um grande atrativo para os jovens leitores. Coraline encontra um universo paralelo em sua nova casa, um lugar macabro e fascinante. Ali, ela se sente, realmente, em casa. Mas, após descobrir mistérios e perigos, a menina tenta retornar ao mundo real. Será que vai conseguir? Um destaque especial para a beleza e delicadeza da edição, um lindo livro de capa dura.



O Caso do Grande Roubo do Museu – Milton Célio de Oliveira Filho escreveu e Alexandre Rampazo ilustrou (Brinque-Book) – Dona Aranha investiga o desaparecimento no museu de uma importante pintura. Um a um, ela questiona os suspeitos e, finalmente, com a ajuda do Morcego, encontra o culpado (culpado?). Um texto divertido que motiva para um passeio virtual em museus e a conhecer obras famosas, além de proporcionar uma boa brincadeira.



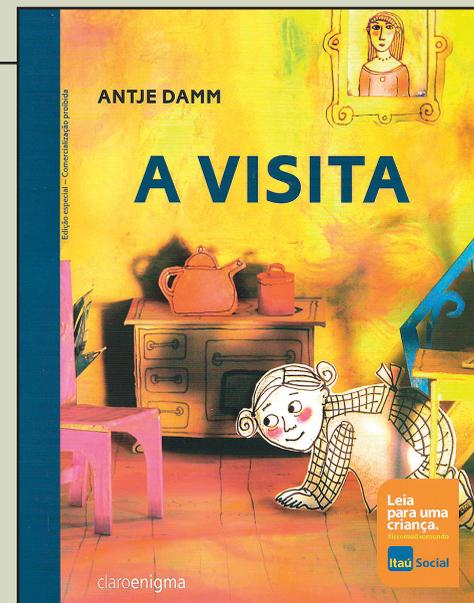
Dentre as poucas coisas boas que aconteceram em 2020, o projeto Leia para uma criança, do Itaú Social, trouxe duas histórias repletas de possibilidades, sem descaracterizar as edições originais, respeitando a criatividade de autores e ilustradores:



Com que Roupa Irei para a Festa do Rei? – Pegando carona numa certa roupa nova do rei, o querido Tino Freitas apresenta uma história original e criativa, com referências a muitos reis num alegre desfile. Ilustrado por Ionit Zilberman e editado pela Editora do Brasil, a obra foi finalista do Prêmio Jabuti, na categoria de livro editado no exterior (Gerbera Ediciones).

A Visita – Texto e ilustrações da alemã Antje Damm, tradução de Sofia Mariutti (Claro Enigma). Este lindo livro também me trouxe

recordações de outra senhora solitária, a diferença é que, em *A menina da varanda*, do Leo Cunha, a senhora buscava por companhia e gostava de contar histórias (aguardo ansiosa a reedição). Neste livro, a solitária Elise tem medo de tudo e por isso resolveu ficar só! Mas... isso só até um aviãozinho de papel entrar por uma janela! Quem será que vai vir atrás dele?



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

(Alcalá de Henares, 29 de setembro de 1547 – Madrid, 22 de abril de 1616), foi romancista, dramaturgo e poeta castelhano. Em 1575, durante seu regresso de Nápoles a Castela, é capturado por corsários de Argel, então parte do Império Otomano. Permanece em Argel até 1580, ano em que é libertado depois de pagar seu resgate. Cervantes passou 2 anos em Lisboa. De volta a Castela, se casa com Catalina de Salazar em 1584, e se dedica ao teatro. Publica, em 1585, *A Galatea*, o seu primeiro livro de ficção. Encarcerado em 1597, “engendra” *Dom Quixote de La Mancha*, segundo o prólogo a esta obra, sem que se saiba se este termo quer dizer que começou a escrevê-lo na prisão, ou simplesmente que lhe ocorreu a ideia ou o plano geral ali. Em 1605, publica a primeira parte de sua principal obra: *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. A segunda parte não aparece até 1615: *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha*. Entre as duas partes de Dom Quixote, aparecem as *Novelas exemplares* (1613), *Viagem de Parnaso* (1614). Em 1615, publica *Oito Comédias e Oito Entremeses Novos Nunca Antes Representados*, *A Numancia*, além de *O Trato de Argel*, ficou inédito até ao final do século XVIII. Miguel de Cervantes morreu em 23 de abril de 1616, parecendo ter alcançado uma serenidade final de espírito. Um ano depois de sua morte, aparece a novela *Os trabalhos de Persiles e Sigismunda*.

acervo JL



FRANKLIN DÓRIA

Franklin Américo de Meneses Dória, Barão de Loreto, político e poeta, nasceu na ilha dos Frades, Itaparica, BA, em 12 de julho de 1836, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de outubro de 1906. Eleito pelos trinta membros que compareceram à sessão de instalação, em 28 de janeiro de 1897, para completar o quadro de acadêmicos, Franklin Dória é o fundador da cadeira nº25 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono o poeta Junqueira Freire. Formou-se em Direito na Faculdade de Recife em 1859. No mesmo ano de sua formatura, aos 23 anos, publicou *Enlevos*, seu único volume de poesia. Cedo abandonou o verso. E desde o aparecimento do seu primeiro livro só publicou, em poesia, a tradução de *Evangelina*, de Longfellow, lida na presença do Imperador. Dedicou-se à advocacia e à política. Exerceu as funções de promotor, delegado e juiz. Em 1866, foi eleito governador do Maranhão, e em 1880, governador de Pernambuco. Em 1872, foi eleito para a Câmara Federal, sendo reeleito, em mandatos alternados, até 1885. Foi ministro da Guerra no gabinete Saraiva (1881), quando fundou a Biblioteca do Exército, e ministro do Império. Conselheiro do Império, recebeu o título de Barão de Loreto em 1888. Foi professor de literatura por concurso no Colégio Pedro II, com a tese *Da Poesia, caracteres essenciais; diferença da prosa; qualidade de poeta*. Demitido com a República, foi reintegrado por sentença judicial. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

acervo JL



ARTUR ORLANDO

Artur Orlando da Silva, jurista e ensaísta, nasceu no Recife, PE, em 22 de junho de 1858, e faleceu na mesma cidade, em 27 de março de 1916. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1881. Seus primeiros livros foram: *Filocrítica* (1886) e *Ensaio de Crítica* (1904). De 1893 a 1895, foi deputado Estadual, e em 1901, senador pelo seu Estado, renunciando dois anos depois para tomar lugar na Câmara Federal, até 1914. Participou da revisão do Código Penal. Colaborou em vários jornais: *24 de Fevereiro*, *A Esmola*, *Homens e Letras*, *Concentração*, *Folha do Norte*, *Jornal do Recife*, *Província*. Colaborou também na *Revista Brasileira*, na *Revista Americana*, na *Revista da Academia Brasileira de Letras* e na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Foi redator-chefe do *Diário de Pernambuco*, de 1901 a 1911. Foi um dos primeiros, no Brasil, a insistir na tese do pan-americanismo. Como integrante da Escola do Recife, pregou o evolucionismo filosófico. Era membro da Academia Pernambucana de Letras, da Americana de Ciência Política e Social, de Filadélfia, sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia de Lisboa, e de outras associações culturais. Segundo ocupante da cadeira 25, foi eleito em 27 de junho de 1907, na sucessão de Franklin Dória, e recebido pelo acadêmico Oliveira Lima em 28 de dezembro de 1907, na ABL.

FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

VOCÊ PODE. Investimentos Safra.

Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

Safra

Tradição Secular de Segurança

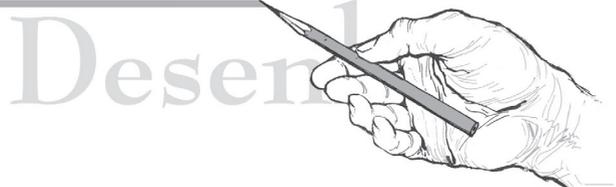
Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgrauna@hotmail.com

LEMBRANÇAS DO MENDEZ SOBRE J. CARLOS

Em 1988, o Max Barbosa, desenhista de humor que iniciava sua carreira nas artes, era muito influenciado na obra do caricaturista José Carlos de Brito e Cunha, o J. Carlos, que consagrou-se graças ao seu traço moderno e extremamente belo. Para estudar melhor o estilo de seu artista predileto, Max estava em contato com os herdeiros deste grande caricaturista e sugeriu que fizéssemos uma visita ao prédio onde residiam os Brito e Cunha, mas sabendo da minha amizade com o caricaturista Mário Mendez, recomendou que o levássemos também.

Consideramos as preocupações de sua esposa, Dona Emília, e as muitas e justas recomendações exigidas por conta da idade um pouco avançada do Mendez, já que o artista estava com pouco mais de 80 anos. Com zelo e nos cercando de todos os cuidados, fomos com nosso amigo para a Rua J. Carlos, no Jardim Botânico.

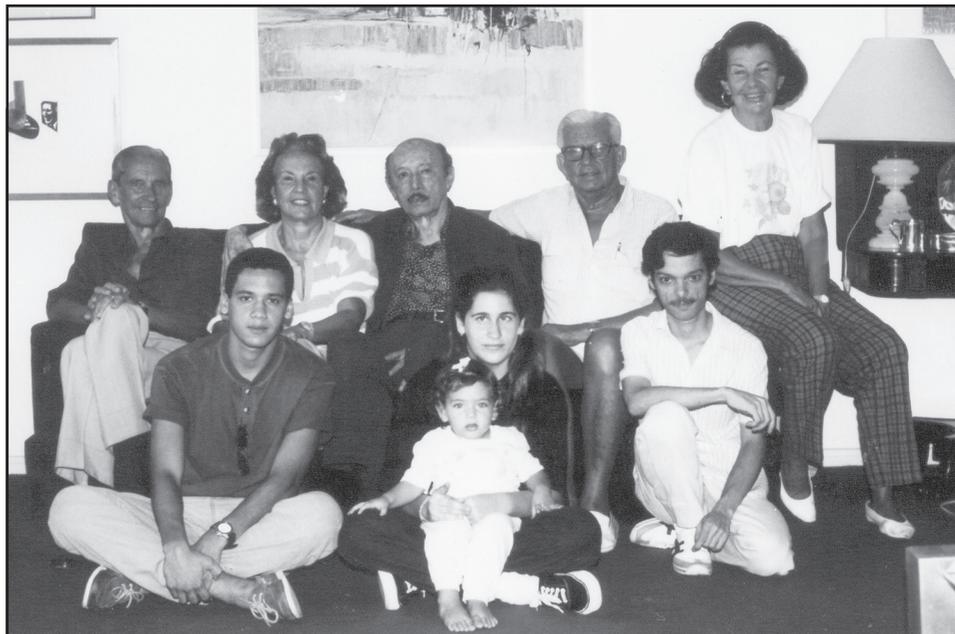
O encontro foi um dos mais interessantes que participei e, é claro, registrei com algumas fotografias esse dia especial. Fomos recebidos por Eduardo Augusto, Luiz Carlos, Lucia e Lourdes, filhos de J. Carlos, infelizmente todos já falecidos. A alegria do Mendez em rever os filhos de seu amigo e colega, além de poder recordar alguns fatos divertidos sobre ambos, era flagrante.

Mendez aproveitou para lembrar como conheceu J. Carlos, e contou-nos que, quando era colaborador do jornal *A Batalha*, costumava almoçar numa pensão cuja proprietária chamava-se Laura, e era amiga de Dona Emília, com quem o caricaturista já namorava na época. Num dia, enquanto almoçava, começou a esboçar a caricatura de um sujeito que estava sentado próximo. O homem não percebeu, mas Dona Laura viu e comentou: “O senhor desenha caricaturas! Sabia que tenho um freguês que é seu colega?” Mendez, achando que ela fosse falar sobre um amador que gostava de rabiscar, perguntou, com ares de quem já era profissional: “Quem é o tal caricaturista?” “Ah, é o J. Carlos”, respondeu Dona Laura. Ao ouvir o nome do famoso desenhista, Mendez corou de espanto. Ele não imaginava que frequentava o mesmo local que o fabuloso mestre, de quem guardava grande admiração desde os tempos de adolescente. Num outro dia, quando J. Carlos chegou para almoçar, Dona Laura fez as apresentações e os dois passaram a conversar animadamente. Numa demonstração de humildade que Mendez nunca mais esquecerá, J. Carlos afirmou que já conhecia o trabalho do novo amigo, e que havia gostado especialmente de uma caricatura de um comediante espanhol que atendia pelo pseudônimo de Palitos.

Entre muitas histórias e recordações, Mendez e os filhos do caricaturista lembraram de outros tantos fatos, inclusive que o prédio onde os filhos moravam e nos receberam foi construído na propriedade adquirida por J. Carlos. Contaram que, naquele terreno, onde foi construída sua residência, o artista havia enterrado um lápis, sua mais importante ferramenta de trabalho, simbolicamente como se fosse uma semente, e que ali garantiria o futuro e a moradia de sua família. De fato, anos mais tarde, após a morte de J. Carlos, no local foi construído o edifício onde seus filhos moraram por muitos anos.



J. Carlos por Mendez.



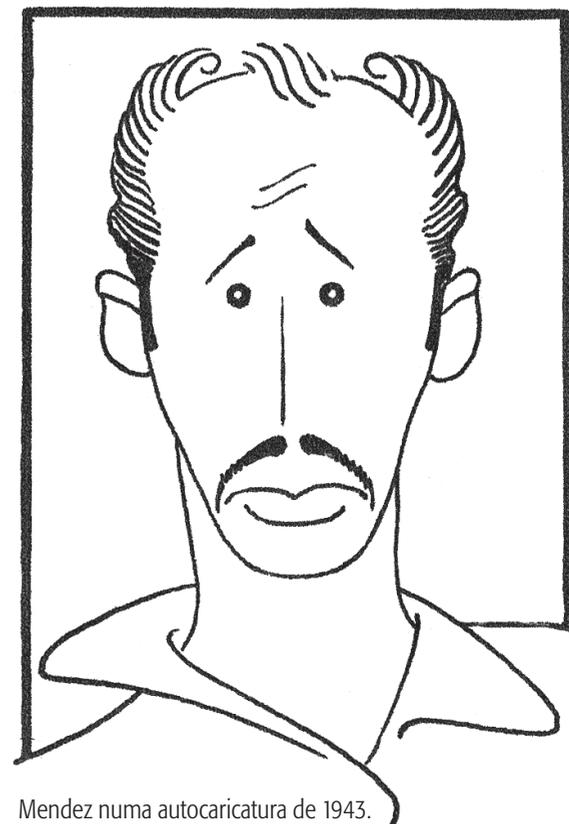
A partir da esquerda, sentados, Eduardo Augusto, Lourdes, Mendez, Luiz Carlos e Lúcia. Agachados, Max Barbosa, duas bisnetas de J. Carlos e Zé Roberto.



A Rua J. Carlos

Falecido em 1950, J. Carlos passou a ser nome de rua justamente na localidade onde construiu sua residência. Em junho de 1951, a antiga Rua Sucupira, no Jardim Botânico, foi rebatizada com o nome do grande mestre da caricatura carioca. Mário Mendez esteve presente nesta data histórica junto com pessoas da família do homenageado e ilustres intelectuais da época, entre os quais o historiador Herman Lima, os escritores Olegário Mariano e Alvaro Moreyra, o artista plástico Leopoldo Gatuzzo e seus colegas caricaturistas Álvaro Cotrim (Álvarus), K. Lixto, Raul Pederneiras e Théo, além dos representantes da prefeitura da cidade, quando da inauguração da placa com o nome de J. Carlos.

Saúde e Arte!



Mendez numa autocaricatura de 1943.



Da esquerda para a direita, K. Lixto, Raul Pederneiras, Mário Mendez, Théo e Álvaro.

Contas de lágrimas que choraram

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

As contas de lágrimas (Coix lacryma-jobi), uma planta nativa, são medicinais. A infusão de suas folhas, dizem, serve para doenças renais, pois é um chá diurético. É relaxante e antitérmico.

O plantio se faz pelas sementes lançadas em lugares irrigados. Elas são contínuas durinhas, azuladas, com as quais se fazem ornamentos: brincos, colares, pulseiras, e diversos recipientes de adorno. Trituradas, elas fornecem fécula para panificação e indústria de cerveja. Pela propriedade de resistência, os indígenas utilizavam essas sementes em seus adornos e, também, por sua cor azulada, os caboclos faziam terços e rosários. Daí seu nome popular de “contas de lágrimas”, “contas-de-nossa-senhora”, “lágrima-de-nossa-senhora”, “capim-de-nossa-senhora”, “lágrima-de-santa-maria”.

Na minha infância, na década de 1940, via pessoas colhendo-as, assim como ossos, ferros, latas, taboas, guachimbas para negociar na venda do Seu Jorge. Diziam-me que os ossos eram levados para fazerem botões, os ferros para serem transformados em máquinas, as latas seriam novos objetos, as taboas desfiadas serviriam para enchimentos de travesseiros, e as guachimbas, depois de uma quarentena de molho no riacho, eram desfiadas, organizadas em feixes e vendidas para tornarem-se cordas resistentes.

Quanto às sementes coloridas, poderiam ser também trituradas em moinhos para alimentação do gado. Era uma febre de colheita principalmente entre os jovens meninos. Os tostões arrecadados serviam-lhes para irem ao cinema, comprar bolinhas de gude, cordas para os piões, doces de leite, entre outras quin-

quilharias necessárias para os seus entretenimentos.

E nos regatos, mananciais e brejos, arregaçavam suas calças e enchiam de contas azuis seus embornais. Entre esses jovens, chamava-me a atenção um garoto que estudava na escola de minha mãe e, às vezes, antes ou depois das aulas, em frente de casa, sentado no chão, contava-nos uma variedade de casos.

Tinha uns quinze anos ou dezesseis. Seus cabelos eram castanhos e a pele era clara. Seus olhos castanhos brilhavam à medida que eclodiam enredos que punham a sua plateia atenta. Eram risos que se ouviam ou contorções de espanto ou medo que se viam. Ele, com sua calça caqui na canela, como usavam os rapazes não adultos ainda, camisa branca, de pernas cruzadas, no chão de barro, constituía um estímulo para o barroco sevilhano Murillo pintar um quadro de um menino contando história.

Havia um ponto nesse rapazinho de que eu não gostava. Pois quando eu e minha prima, aos domingos, cortávamos guachimba e deixávamos o nosso feixe de molho no riacho, no próximo sábado, eles haviam desaparecido. Procurávamos acima e abaixo e nada. E ele nos dizia que assombrações dos escravos vinham buscar nossos feixes, pois ali eles estiveram. Isso nos deixava inquietas e voltávamos temerosas para casa, apesar de confabularmos que era ele quem apanhava a nossa colheita. Assim o medo e as perdas nos foram impedindo de procurar vender nossos produtos. Nunca os tivemos, é bem verdade.

O que me admirava nesse rapazinho é que o osso, o ferro, as latas que catava daqui e dali, a guachimba que desfiava eram produtos vendidos em sua totalidade, mas suas contas de lágrimas seguiam dois caminhos: o da venda e o da moenda de sua família, pois, trituradas, viravam o pó que, adicionado ao leite que sobrava, ia servir para alimentar os animais,

Foi em uma colheita dessa que sua preciosa ganância desmaiou, quando sofreu uma crise epilética, estando sozinho. Apesar de estar em um fio de água, seu corpo cortou o caminho do córrego, empossando o espaço ocupado por sua cabeça, acabando-se para sempre a sua busca pelos pequenos tesouros e a nossa chance de ouvir histórias que arrepiavam de medo e de excitação. Já não tínhamos as contas de lágrimas, mas lágrimas que caíam sem conta.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é professora Emérita da UFES e presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

Aprendiz, eficaz passo inicial na qualificação profissional

Por Humberto Casagrande*

Numa economia pressionada pela necessidade de reduzir gritantes falhas na qualificação da força de trabalho – tanto para melhorar os indicadores de produtividade quanto para viabilizar a inclusão social do enorme contingente de brasileiros despreparados para o mercado de trabalho –, o maior desafio não é escolher entre as diversas soluções apresentadas por setores, autoridades e especialistas preocupados com a questão. O verdadeiro nó a desatar é como calibrar as propostas que são colocadas na mesa, de forma a atender a diversidade das pessoas que devem ser qualificadas, tanto no aqui e agora quanto para o futuro.

A meu ver, boa parte das sugestões propostas nesse sentido é pertinente. Entretanto, elas pecam por serem pontuais, ou seja, cada uma tem foco num segmento do enorme contingente de mais de 40 milhões de brasileiros que estão desocupados, entre os quais 14 milhões de desempregados e o restante composto por aqueles que desistiram de procurar uma vaga. Apenas esses números brutos, levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sinalizam para a importância de organizar e debater um projeto nacional de qualificação profissional escalonado por etapas, de maneira que sejam atendidas as condições e demandas de cada um dos segmentos que integram a diversificada força de trabalho do país.

Nela estão incluídos, entre outros, veteranos com formação superior ou com larga experiência, mas defasados; trabalhadores em busca de novas habilidades para conseguir promoção ou aumento de salário; estudantes recém-saídos da universidade sem experiência prática; jovens que concluíram ou abandonaram o ensino médio, e que exerceram, na melhor das hipóteses, uma atividade informal, e por aí vamos.

Ou seja, a própria realidade aponta para a importância de somar soluções escalonadas para desatar o antigo e resistente nó da precária qualificação do trabalhador brasileiro. Mesmo sem grandes análises, não é difícil constatar que, na corrida por emprego, o segmento jovem sai com grande desvantagem. Boa parte

desse grupo é composta por jovens de baixa escolaridade, que sequer atendem aos requisitos básicos das atuais funções do mundo corporativo, seja por deficiências comportamentais – hoje altamente valorizadas –, seja por falta de competências técnicas mínimas que os habilitem a se candidatar, com alguma margem de segurança, até a *vagas* mais simples.

Ponto dos mais interessantes é que programas existentes revelaram eficácia, que poderá ser reforçada com a integração deles no desafio de aprimorar a formação do profissional, tanto para se manter ou se reinserir quanto para ingressar no mundo do trabalho. Ou seja, são iniciativas que não devem ser vistas como excludentes, mas, sim, complementares. Focando especificamente no segmento dos jovens ávidos por conseguir o primeiro emprego, a experiência do CIEE indica que o programa de *aprendizagem*, moldado de acordo com a Lei nº 10.097/2000, funciona como uma espécie de “cursinho pré-vestibular” para o futuro profissional.

Isso porque, graças à capacitação teórica alinhada à prática de uma função na empresa, a *aprendizagem* bem conduzida corrige deficiências comportamentais (*as soft skills*) e elimina algumas das falhas do ensino escolar. Para se ter ideia de que grupo estamos falando, basta citar que muitos dos atuais ou ex-beneficiados aprenderam, nas nossas aulas de capacitação teórica, a se vestir de acordo com o ambiente corporativo, a adotar práticas diárias de higiene pessoal, a atuar em equipe, a administrar as finanças familiares, a seguir recomendações para ter uma vida saudável, entre outros conhecimentos. Nossa grade de cursos para aprendizes inclui, ainda, matemática básica, introdução à informática, comunicação escrita e oral, orientação de carreira, entre outros conteúdos – tudo sempre permeado por estímulos à continuidade da formação escolar e ao aprendizado contínuo.

A percepção desse cenário mostrar o valor da *aprendizagem* como o primeiro e fundamental passo na preparação dos jovens para o sucesso das próximas etapas de uma eficaz formação profissional, algumas tão sofisticadas que preveem até envio do beneficiado ao exterior – o que exigiria candidatos com avançado desenvolvimento pessoal e educacional. É uma boa proposta, embora evidentemente restrita a um pequeno número de jovens. Nossa experiência, confirmada por pesquisas independentes, mostra, muitas vezes, que esse primeiro passo dá impulso para que um expressivo número de jovens avance por conta própria. Por exemplo, estudo do Datafolha revela que 43% dos milhares de egressos do Programa de *Apredizagem do CIEE* nos anos de 2016 e 2017 estavam matriculados em cursos superiores.

Esse é um dos mais relevantes resultados da *aprendizagem*, na perspectiva dos jovens. As empresas contratantes também colhem frutos, como a atração, a formação e a retenção de capital humano de qualidade. Mas, sem dúvida, quem ganha mais é o país, que passa a contar, investindo pouco, com crescente número de trabalhadores mais qualificados, motivados e formados como cidadãos.

*Humberto Casagrande, do Centro de Integração Empresa-Escola (UniCIEE-SP).

O pesadelo epidêmico

Por Gabriel Nascente

I
Da ponta da caneta
jorrava
um fragmento de sol.
Depois, gemeu
e estilhaçou-se:

era a Covid
comendo a luz.

E foi inchando-se de
cadáveres
o teu imundo ventre

de medusa carrasca
espraiando
a catástrofe epidêmica.

II
Tu te chamas Covid-19
no fichário global
dos óbitos,
e escandalizas
multidões
como grande
prostituta do universo,

(parida pelo orifício
da química chinesa).

Atroz e defunteira,
tu não passas,
ó vendaval
de mortes!

III
Vultos encarnados na
liturgia da aflição:
vítimas que choro
pelos olhos do poema.

Porque não podemos
detratar a esperança
entre os homens.

Se tarde não é,
cedo fica.
Vamos construir
andaias
de metais perpétuos
para a esperança
CRESCER.

Azul
como o voo
das chuvas
nos olhos de uma garça.

IV
Vai-te embora,
saliva de monstro,
instalar a bactéria
de teu genocídio,
nos pulmões de pedra
de outro planeta.

As ambulâncias não dormem
e é diuturno, alarmante,
o cenário do desespero.

V
De desespero
em desespero,
vai longe
essa dor
à procura
de ar,
(viajando de
aviões ou de barcas,
à procura de ar,
de ar ...)

Vai longe,
muito longe,
pelos estirões do sofrimento,
essa dor da humanidade, à deriva,
à procura de ar, de ar...

Os governantes são palhaços
de palanques / que não se entendem,
engalfinhando-se na disputa
por holofotes.
(Isso envergonha a índole da Verdade)
enquanto turbas de enfermos conta-
minados

se sucumbem, à míngua, por falta
de oxigênio nos hospitais.

VI
Meu Deus,
que fratura é esta
quebrando as pernas
da humanidade?

Que onda (de segunda onda)
é esta – expandindo a metáfora
das mortes por todos os
cantos pulsáveis do mundo?

VII
Após doloridas multidões
de enterros,
os meninos começaram a sonhar
com seringas de imunização
salvando a humanidade.

Mas os meninos, os meninos
(não eram visionários
da catástrofe epidêmica)
eram arautos da verdade:

a dose do milagre
já está no sangue.

(*Tapera azul de Inhumas, no chuvoso
amanhecer de 19 de janeiro de 2021*)

Poeta Caiçara

Por Peilton Sena*

Sou de todo mar
Vagas e espumas
Oceanopoema o meu cantar
Sou barco em travessia
Corpo benzido em sal e maresia

Sou rede, tarrafa, linha e anzol
Os olhos da noite
e o encanto do sol
Sou rochedo cantando alegrias
o murmúrio dos ventos, ventania

Sou a fúria das ondas
Tempestade e calmaria
A tarde toda prosa
E o raiar de cada dia

Sou a luz da lua clara
Em noite escura de verão
Sou poeta caiçara
Dos litorais atlânticos
Desse meu marujo coração

Guardo versos e rimas
Em conchas de fantasias
E vou remando sina
Na canoa à vela
Da minha poesia

Sou filho das águas
Protegido de mãe Iemanjá
Sou poeta caiçara
Pescador a versejar
Menino de pés descalços
Rabiscando sonhos no infinito azul do mar

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras

Loretando

Por Ari Lins Pedrosa*

À primeira neta – na espera.

Aquecida desperta,
Sempre alerta,
Nada perturba (nem brotoeja).

Lá na ultrassonografia,
Parece uma cereja,
Na espera do seu dia
De descobertas.

*Ari Lins Pedrosa é poeta alagoano, autor de *O Véu do Vento*.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Santo pecado

Por Nelson Valente*

A igreja imponente no alto da colina do castelo, que abrigava o convento de Berlim, iluminada pelos relâmpagos, proporcionando lascas e aços espelhados no horizonte sem fim.

Tarde fria e chuvosa. Densas nuvens cinzentas acumulam-se no horizonte, ameaçando pancadas de chuva.

O vento suave como a brisa, entoando nas ramagens das árvores e nas frinchas das venezianas do convento a melancólica canção da tristeza e da saudade.

O chão avermelhado que o circundava encontrava-se sempre recoberto por espessa camada de capim nativo que, com suas compridas folhas, atapetava de um imaculado verde-escuro a gleba toda. À esquerda, o monte que dominava com seus poderosos contornos e cenário rústico daquela região, enquanto mais próximo, à direita, o campanário da velha igreja, emergindo dentre os tufos da vegetação, estabelecia o flagrante contraste do amarelo desbotado de sua antiga alvenaria com a intensa tonalidade verde das árvores circundantes. Ao Sul, bem acima do convento, a campina se alastrava, quebrando-lhe a monótona uniformidade de montículos de grama, criados ao longe pela mancha escura de um cerrado que se estendia a perder de vista.

Amanhece...

Aí pelas onze, bateu à porta do convento de Berlim um rapaz que há tempos andava à cata de emprego. Como não era hábito abrir-se a porta a qualquer, Frei Bonifácio olhou pelo buraquinho.

Disse que queria falar ao Diretor (sabia lá o nome do cargo?) e foi levado à presença do dito cujo, com visível satisfação. Aquele, de comovida aparência, deixou-se beijar os cordões e declarou que realmente lá precisavam de alguém. Na cozinha, pelo menos Napoleão, o cozinheiro chefe, queixava-se há bocado do excesso de trabalho.

Indagado, como era praxe, sobre a sua origem, etc... e tal, soube-se que era de parcos recursos, filho de mãe solteira, que embora com ela não vivesse, andava saudável e muito. Como soubera do emprego questionaram, mas a inocência das respostas nada tirou nem acrescentou.

Dia seguinte lá estavam de emprego novo. Feliz, Evandro, nome sonoro, a cara não era de todo má. E ademais os ares santos do lugar poderiam tomá-lo melhor. Tiritando de frio (era inverno grosso), espantou-se Mosteiro adentro, deixando a vida a correr atrás de si, lá fora, assim que o frade o mandara entrar. Frequentemente dado a introspecções, não sabia bem por que sua alma sentia-a dilacerada de uns tempos para cá. Trocava-se as bolas, mal silabava o Pai-Nosso à noitinha, arrumava pretextos, dissimulava (será isso ódio? Amor?). Não sabe nem quer saber. Quase nem percebe o blém-blém do sino que o desperta. Ouve uma voz suave, tem ciúmes da paz. Era tudo o que esperava. Podia ter ido para outro lugar, mas aquele, não se sabe bem por que, fora o mais indicado.

Uma voz chama-o com êxtase, sobe ao patamar, confiando o frade um sorriso empalidecido e ensaia algumas palavras. O que consegue é um bom dia sufocado.

Atravessam os claustros, o céu baixo e cinzento, procura abrigar-se na blusa desgastada que a mãe lhe tecera. Torce-se dentro dela, como os caracóis quando amolados. Alguém desce as escadas do primeiro andar. Sente um frio no cangote, mas o clima cheira a santidade e isto o fortifica. Ademais, a limpeza, o raffiné, o todo no lugar, a resina dos pinheiros excita-o mais e mais. Tenta outras excitações, mas não resiste à curiosidade de, por instantes, esticar as pestanas até uma janelinha indiscreta que rasga em seu esperar uma parede amarelecida.

Frei Bonifácio acomodou-se como quis na ampla e confortável poltrona. Esticou as longas e magras pernas sobre a cadeira que lhe estava em frente, num autêntico espreguiçamento que lhe fez estalar as juntas entorpecidas pela postura anterior. Mexe com botões e os enche de perguntas, tirando-os e recolocando-os nas casas, e continua a seguir o Frei Bonifácio, que, bochechudo, mais parece uma moranga madura. Bate uma saudade da horta da mãe!

Na sua dispersão, perdera até o frio, aquecera-se mais, com satisfação observa que chegaram. Entram na cozinha e então, rompendo-lhes as inibições e numa simplicidade familiar, sorri ao cozinheiro chefe.

Ele, os olhos estatelados, corresponde – “Anda, ajudar! A gente precisa se entender. Tem muita coisa pra você já ir fazendo”, disse-lhe Napoleão.

Há qualquer coisa nele de forte que satisfaz Evandro. Fica ali como se protegido, de repente, e cinco minutos depois já descasca os inhames para a sopa.

– Que é que trouxe aqui?

– A vontade de trabalhar. Talvez o fascínio de um lugar como este. Não sei por que, mas conventos e padres sempre me atraíram. Invejo os frades, sua cara de alienados, sempre de bem com a vida, podem exigir se quiserem o que quiseram, em nome de uma absolvição. Podem beber e comer como abades” (rindo-se), e não precisam invejar nada o que está lá fora, não acha?

– Não é bem assim, creio eu, às vezes, levantam com cabelo repartido do lado errado e de ovo virado – Riram-se os dois e continuaram os afazeres.

Um cabelo cai sobre a testa de Evandro, sem consciência, ele sente algo na pele e percebe entrar em seu campo visual, acionando seu cotovelo, pulso e mão, com todo o seu aparato muscular refinado, em um leve toque de seu dedo em sua testa, afastando o cabelo.

Suas sobranceiras arqueadas demonstram e manifestam sua insatisfação e seu nervosismo com alguma situação ou com alguém no convento.

Lavada a louça, Evandro perguntou a que horas costumavam jantar os frades. Que às seis, e que hoje, além da sopa, comeriam filé de pescada e medalhão. O rapaz franziu o nariz.

O certo é que a fradaria, aos poucos, já exauria as potencialidades do novo habitante, que afinal tinha vinte e um anos e já trouxera um pouco mais de agitação para o lugar.

Ele, por sua vez, não ousava ser inconveniente. Introduzia-se na intimidade do Mosteiro, ora a ensaiar alguma observação mais ousada, ora a arriscar uma gargalhada.

Logo de manhã levava um cafezinho com licor ao Frei Bernardo, o manda chuva, como o chamava; afinal não se trata de convento mendicante! Sobrava lá o que faltava cá fora!

Percebia que era bem recebido, mas importante não deixar a prudência. Afinal certos atrevimentos se expressos de forma correta, pensava ele, passam a ser lisonja. Por isso, sempre que possível, engolia a língua para não vomitar mais asneiras. Talvez o excesso de zelo o reprimisse um pouco, mas antes assim.

Já há vinte dias que lá se encontrava e, pela primeira vez, fora advertido pelo Frei Teodósio, por ter deixado cair o galheteiro. Como às vezes é necessário que se retraíam emoções faciais, contraiu-se também por dentro e calou-se. Calou-se com cara apoplética, o que provocou risos de outros padres. Percebeu que estava perdoado. Não resistiu também e viu que já se contaminava com aquela frase que diz “padre ri à toa”.

Não que o galheteiro engrossasse as dificuldades do Mosteiro, mas, assim que pudesse, compraria um outro para substituir o quebrado. Além do mais, pensava Evandro, talvez há muito tempo os habitantes da santidade não tiveram sentido alguma diferença entre o quebrar ou não os galheteiros, uma vez que isso não implicasse ter a barriga agarrada às costas por pança vazia!

Levantaram-se após as orações e, breve aviso de procissão da penitência. Foi nessa procissão que Evandro teve que, indesejavelmente, castigar-se com um jejum obrigatório. O que até agora era cor-de-rosa passou a ser bege. “Afinal, nem sempre o semáforo tem a cor que a gente quer!”, pensou.

Achava demais ter de beber óleo de rícino. De madrugada, aproveitou-se do trabalho que seus intestinos lhe deram para arriscar uma visita até a adega. “Imunda! Não via limpeza, sabe-se lá desde quando.” Entrou ingênuo e saiu aguçado. O vinho fazia um efeito celestial! Dormiu como um anjo e sonhou com prazeres da carne. – “Aí que saudade da Rafaela.” Mas seus humores faziam cócegas na hora da procissão. Não entendia nada daquele aparato todo, o que lhe provocava pensamentos estupidamente hereges. Não que fosse rebelde. Mas se dessem por isso, seria certamente castigado por Deus e pelos homens. Deduzia que fosse um dos grandes penitentes, pois fora colocado na cabeça da procissão; mas sentiu-se importante, porque ali ia o regimento principal e todos almejavam a mesma coisa: a salvação das almas. Ele, mais que ninguém! Que fedor! É mal daqueles que têm a alma perfumada demais.”

Viu-se interrompido nas conjeturas, quando uma voz apocalíptica mandou que rezasse o “mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa”. Todos se ajoelharam. Evandro abalou-se. A mãe ensinara-lhe a rezar a tal oração quando ia pra cama. Dizia que, se a gente morresse dormindo, já morria perdoado. Achou que tinha chegado a sua hora. Quase chorou de susto. Não compreendia bem a liturgia, lembrava-se pouco.

Só percebeu que luzia na mão de um dos frades algo redondo e lindo. Era a custódia. Olhou para aquilo e sentiu-se levitar. Quase entrou em alfa como um bocó e quase delirou. Acordou com uma das mãos cabeluda sacudindo-lhe a cabeça – o “show” terminara, finalmente. Pediu rápido licença para se retirar.

A fraqueza atravessava-lhe os ossos, pelo jejum, e tinha vontade de dormir. O corpo exangue e flácido escorregava das bases. Sombras e manchas azuis, verdes, amarelas, quase extintas. Amava aquele lugar.

As pálpebras pesadas imploravam por descanso e o céu de chumbo lá fora apagava-se mais uma vez. Olhou para o Cristo na parede e só viu a metade.

Acordou com um torpor inexplicável. Um latinório ouviu-se ao longe. Ruído de paramentos, pigarros do frade mais velho:

– Esse já está com um pé na cova e outro na casca de banana”.

Uma lufada de vento o entristeceu voluptuosamente. A própria carne estaca e friorenta. Lembrou-se do pacto. Não podia esquecer-se da mãe. Veio-lhe o impulso de fugir. – Ah! Bons dias de sol, em que jogava bola no adro da igreja. Armar redes, sentar-se à sombra dos arvoredos!

Estremeceu. Levantou-se. O ar estagnado cheirava-lhe mal. Tudo caía em cima dele. A voz da mãe desabava. E nem as genuflexões, nem os sinais-da-cruz, as atitudes compenetradas dos padres na capela, o impediram de dirigir-se àquele quarto, onde alguém quase jazia.

– Mea culpa, mea máxima culpa... – Tinha medo, mas não podia fugir. Chegou, parou, entrou.

– Frei Apolinário! – O coração fechara-lhe a razão. Descompreendeu a bondade e a generosidade.

O Frei curvara-se e parecia murmurar algo.

Num gesto desmedido falou: “Quem é você e o que quer? Como entrou aqui?”

– A farsa acabou. Se Deus pra você sempre significou luz, pra mim a pra minha mãe sempre significou treva. Sou filho de seu estupro e sangue de sua indiferença.

O sol irrompeu pela porta afora, uma melodia suave no ar. O nevoeiro dissipara-se e Evandro, o pequeno vingador, desapareceu na escola da vida, deixando para trás o rastro da morte.

*Nelson Valente é escritor.

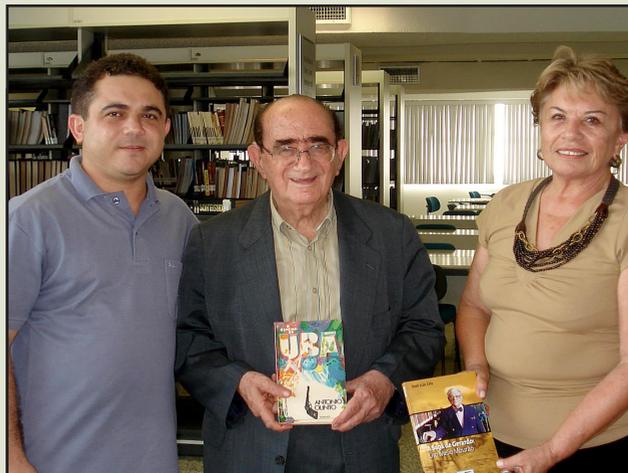
Saudades de Antonio Olinto

Por José Luis Lira*

Chega o dia de enviar a coluna para o jornal e o blog e as ideias não fluem. Este tempo que vivemos nos deixa assim. Antes alegávamos falta de tempo... Era (é?) uma correria. Hoje, muitos estamos com trabalho em casa (prefiro o português ao inglês). Os dias parecem demorar, mas, têm a mesma velocidade. Nós é que não estamos na mesma intensidade. Faz quase um ano que assim estamos, mas, parece mais tempo. A parada foi necessária. Nunca critiquei, nem criticarei, nenhuma medida nesse sentido. Lembrando o poeta Gonzaguinha, “este tempo vai passar”.

No quarto que improvisei como local de trabalho na casa dos meus pais, antes mesmo de ser o espaço destinado a isso, eu já colocava livros, revistas, enfim. E, hoje pela manhã, deparei-me com o livro *O Menino e o Trem*, de Antonio Olinto, da Academia Brasileira de Letras, diplomata, amigo querido. Esses dias ouvi uma entrevista dele para o também imortal Arnaldo Niskier. Aliás, guardo uma entrevista que ele concedeu ao irmão Ticar, Diassis Lira para o público em geral, quando Olinto esteve em Guaraciaba do Norte (2007). Entrevista concedida num quarto da casa do Monte Alegre. Vínhamos de Sobral onde o imortal foi na Universidade Estadual Vale do Acaraú, experimentou da carne de sol do Aragão e foi à Biblioteca Municipal Lustosa da Costa. Para acomodar dignamente a ele, sua assessora Beth Almeida, Bárbara e Henrique Ayres (filha e neto de Mello Mourão), os hospedamos no extinto Hotel Sol Nascente e o jantar foi no sítio Monte Alegre. Comida tradicional, forró pé-de-serra (Olinto até ensaiou uns passos) e café, com pó feito de grãos torrados em caco de barro. Foi um dia espetacular.

Depois que conheci Antonio Olinto, registrado Olyntho, mas, que ele



Na foto, estou na Biblioteca Lustosa da Costa com o saudoso imortal Antonio Olinto e Bárbara Ayres, em 2007.

simplificou, o inverso do que normalmente ocorre hoje, ele fez três visitas ao Ceará. N'uma veio para a Bienal do Livro (2006) quando estava com a querida Nélida Piñon; n'outra para o lançamento de meu livro sobre Gerardo Mello Moura, *A Saga de Gerardo: um Mello Mourão*, ocorrido em 26 de abril de 2007 e, finalmente, em outubro de 2008, mais especificamente dos dias 26 a 29, para lançar sua biografia, escrita por mim: *Brasileiro com Alma Afri-*

cana: Antonio Olinto. Na última visita, Matusahila e eu o recebemos em nossa casa, em Fortaleza, juntamente com Beth Almeida, sua assessora e quase filha.

Olinto era uma figura amável e amada pelos que o cercavam. Foi seminarista e herdou para toda a vida a religiosidade. Criança, nas Minas Gerais, teve contato com ex-escravos, agregados de família que tinham conhecimento da cultura afro. Ao chegar a Lagos, na Nigéria (Continente Africano), como adido cultural do Itamaraty, apaixonou-se pela alegria do africano, pelo profundo respeito por seus antepassados e divindades. Foi a inspiração para sua trilogia *Alma da África*. Na sua despedida, um representante tribal, ao homenageá-lo, disse que o diplomata tinha a alma negra – na tradição deles, maior elogio que se pode dar a um não africano. Hoje me volto à enésima releitura de *O Menino e o Trem* e destaco o conto que intitula o livro e *A Palavra*, no qual ele dá vida à palavra que “tinha consciência de sua integridade verbal”. Lindo, simples, mas sofisticado como era nosso imortal que nos acompanha da eternidade.

Doutor em Direito, professor do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), fundador da Academia Fortalezense de Letras, da Academia Brasileira de Hagiologia, da Academia Sobralense de Letras Jurídicas, integrando outras entidades culturais e científicas, tendo publicado 23 livros.



Toda teoria
tem um LADO
PRÁTICO.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

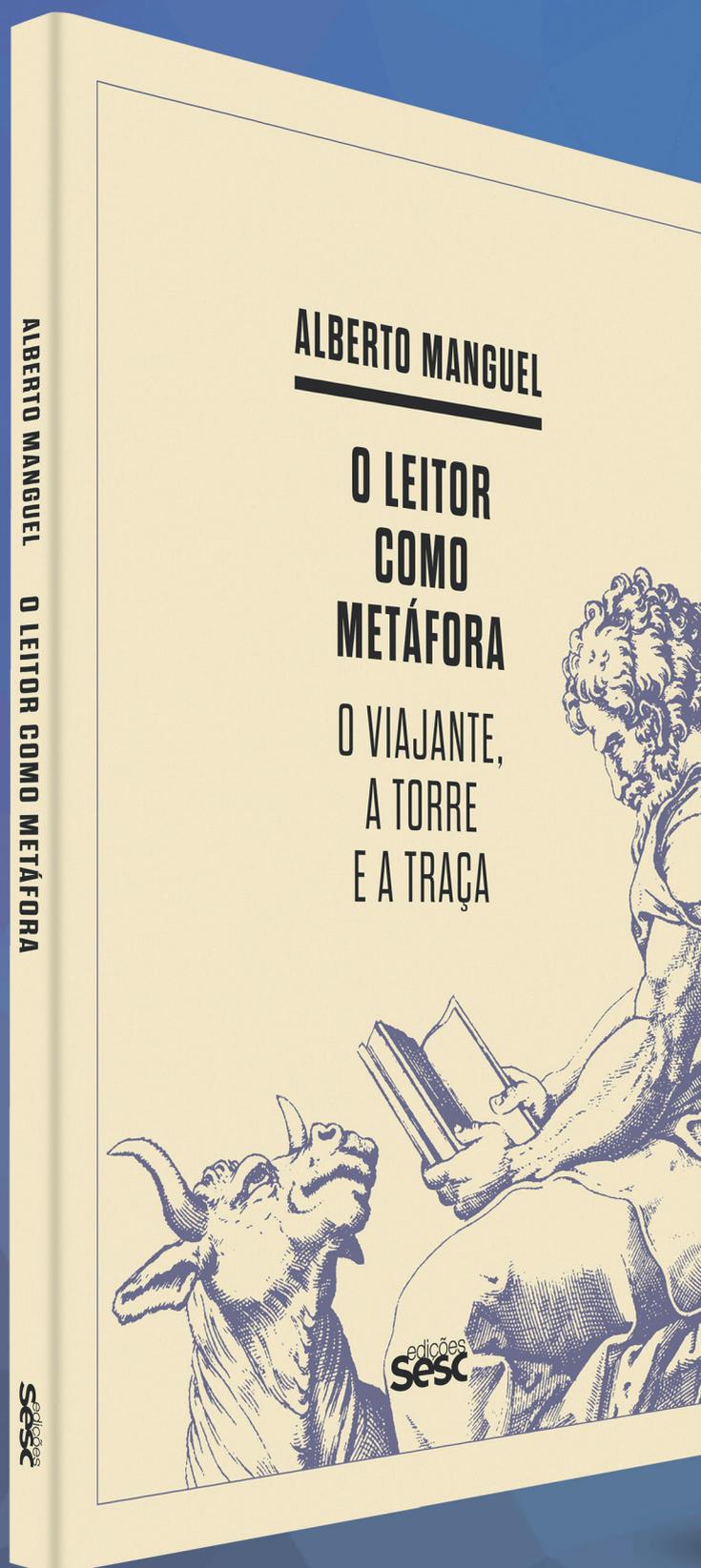
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



LEITOR & LEITURA



O LEITOR COMO METÁFORA

o viajante, a torre e a traça

Alberto Manguel

Traçando um inventário de significações e desvelando as metamorfoses da leitura ao longo dos séculos, autor define três tipos de leitores e suas características.



NOTAS PARA UMA DEFINIÇÃO DO LEITOR IDEAL

Alberto Manguel

Livro reúne textos de conferências, artigos e ensaios produzidos pelo autor nas últimas décadas, alguns dos quais publicados em suplementos literários, que tratam de temas diversos mas, de modo geral, todos associados à literatura, ao leitor e à leitura.